



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

BEATRIZ GONÇALVES KAWALL

VERSO E REVERSO:

A TRAJETÓRIA DE JOVENS QUE OPTARAM POR DIZER *NÃO* ÀS DROGAS

Florianópolis
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BEATRIZ GONÇALVES KAWALL

VERSO E REVERSO:

A TRAJETÓRIA DE JOVENS QUE OPTARAM POR DIZER *NÃO* ÀS DROGAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social.

Orientadora: **Prof^a Catarina Maria Schmickler, Dra.**

Florianópolis

2006

BEATRIZ GONÇALVES KAWALL

VERSO E REVERSO: A TRAJETÓRIA DE JOVENS QUE OPTARAM POR DIZER NÃO ÀS DROGAS

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 31 de março de 2006

Prof^a. Dra. Catarina Maria Schmickler
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

Prof^a. Dr^a Catarina Maria Schmickler
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora

Prof^a. Dr.^a Eleonor Conil
Dpto. de Saúde Pública
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro

Prof^o. Dr. Tadeu Lemos
Dpto. de Farmacologia
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro

Florianópolis, março de 2006

*Dedico esta dissertação de
mestrado a meus filhos
Maria e Gil, exemplos de
uma juventude saudável e
fontes de inspiração para
este trabalho.*

Agradecimentos

Agradeço:

A meus mestres espirituais *Osho, Budha e Jesus Cristo* por me ensinarem a confiar sempre na existência, ou seja: “tudo dá certo no final!”.

À minha orientadora, *Catarina*, que junto comigo enfrentou as dificuldades acarretadas pela mudança de tema e de cidade no meio do percurso...

Ao *Chico*, amado Chico, pela idéia do tema e pela generosidade...

A ajuda sempre discreta e quase silenciosa, mas, absolutamente fundamental, do meu eterno mestre e amigo *Theóphilos Rífiotis*.

A todos os *entrevistados* anônimos que confiaram em mim e compartilharam algumas de suas trajetórias e itinerários pessoais comigo.

Especialmente, somente pelo conforto de tê-los a meu lado, agradecimentos aos meus amores: *Pai, Mãe, Mário Jonas, Babi, Lena e Márcia* e aos novos agregados, não por isso menos amados, *Léo e Giulia*.

Às minhas velhas companheiras de Jornada, *Tatiana e Munique* e às novas, *Clévina, Lídia, Luciane e Sandra*, exemplos de profissionalismo, amizade e dignidade.

À minha *turma de mestrado*, representada nas amadas, *Adriana, Verinha, Rita, Úrsula e Mari*. Obrigada!

E finalmente ao *Coronel Sérgio Augusto da Silva Zílio* que se tornou, nestes poucos meses de convivência, um amigo, exemplo de força, perseverança e humildade. A *Todos Vocês*, meu Carinho e meu Muito Obrigada!

*Entre o Luar e a folhagem,
Entre o sossego e o arvoredos,
Entre o ser noite e haver aragem
Passa um segredo.
Segue minha alma na passagem.*

Fernando Pessoa

Resumo

Esta dissertação apresenta alguns possíveis fatores de proteção que levam jovens a *não* usarem drogas. Fatores de risco para o uso de drogas são bastante conhecidos, mas pouco se sabe dos fatores de proteção para o *não* uso, especialmente para população de classes sociais mais altas. O objetivo deste estudo foi identificar as razões que levam jovens de classe social mais alta optarem por *não* usar drogas. Para investigar esses fatores de proteção realizamos pesquisa exploratória de caráter qualitativo. O universo contemplado para estudo foi o de adultos de classe média/ médias alta, residentes nas cidades de Curitiba PR e Florianópolis SC, não usuários de drogas. Trabalhamos com uma amostra de 18 jovens adultos entre 18 e 28 anos que optaram por *não* usar drogas. Utilizando-se de entrevistas, contemplamos diversas categorias que permitiram nos aproximarmos da infância destes jovens, suas formas de contato com drogas, experiências de uso, ou *não* uso, enfatizando suas trajetórias pessoais em itinerários afetivo, religioso/espiritual e familiar. Os dados analisados apontaram a boa estrutura familiar, acesso à cultura e informação, espiritualidade, relações afetivas sólidas e respeitadas, como fatores de proteção ao *não* uso de drogas, no sentido que propiciaram um fortalecimento da auto confiança desses jovens entrevistados para estabelecerem limites em suas vidas e dizerem *não* às drogas.

Abstract

This work presents some possible protection factors that lead young adults, from middle and high class, *not* to use drugs, especially for people of high social classes. The objective of this study was to identify why young adults, from high social classes, choose *not* to use drugs. In order to investigate these protection factors we realized exploratory research of qualitative character. The universe contemplated for this work was 'young adults' from high social classes residents in Curitiba PR and Florianópolis SC, which do *not* use drugs. We worked with a sample of 18 'young adults' between 18 and 28 years old that has opted for not use drugs. Making use of interviews, we contemplated several categories that allowed us approach of the childhood of this young people, their ways of contact with drugs, experiences of use or no use, emphasizing their personal trajectories in paths affective, religious/spiritual, and family related. The results of the investigation pointed out for young people that have grew up in a family environment where there was respect between the members, protection of the youngest by the older people, good scolarity and information level and, the search and practice of some type of spirituality path. It is suggested that this factors caused on increase of self-confidence in the interviewed people leading to the establishment of limits in their lives and to say *no* to drugs.

SUMÁRIO

RESUMO -----	vii
ABSTRACT -----	viii
INTRODUÇÃO -----	1
CAPÍTULO 1. ESTRATÉGIA METODOLÓGICA -----	13
1.1 A opção pela pesquisa qualitativa-----	14
1.2 O Universo-----	14
1.3 A Amostra: os sujeitos entrevistados-----	15
1.4 O Instrumento de coleta de informações-----	17
CAPÍTULO 2. VERSO: o universo do uso de drogas -----	22
2.1 De que droga estamos falando-----	22
2.2 Drogas e juventude-----	27
2.3 Uso, Abuso, Dependência e Experimentação -----	30
CAPÍTULO 3. REVERSO: o não uso de drogas -----	33
3.1 As trajetórias interpretadas-----	33
3. 1. 1 FAMÍLIA: Referência de valores e Porto seguro-----	34
3.1.1.1 AMIZADES: diga-me com quem andas e eu te direi quem és-----	47
3. 1. 2 ESTUDO: a importância da inserção no mercado de trabalho-----	50
3. 1. 3 ESPIRITUALIDADE: crenças, descobertas, fé-----	54
3. 1. 4 CULTURA: onde eu nasci – a diferença que isso fez em mim-----	62
3. 1. 5 DROGAS: opinião consolidada-----	69
3. 1. 6 DROGAS LÍCITAS X DROGAS ILÍCITAS-----	75
CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS -----	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	83
OUTRAS REFERÊNCIAS -----	89
ANEXOS -----	90

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado, através de um olhar para o passado de alguns jovens de classe média/classe média alta, levanta os fatores de proteção para o *não* uso de drogas ilícitas. Apesar de pesquisarmos o não uso de drogas, a centralidade do trabalho está no seu uso. Ou seja, estudar jovens que não usam drogas ilícitas, nos ajuda a chegar àqueles que as usam, ou que poderão usá-las, e auxiliar àqueles que fomentam políticas públicas, a criar políticas de proteção eficazes para este segmento da população. Políticas essas, especialmente nas áreas social e de saúde, que trazem, na centralidade de suas discussões, o uso de drogas na sua manifestação maior de tráfico, de desvio e experiências de criminalidade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) droga é:

Toda substância que ingerida, injetada, inalada, ou em contato com a pele e mucosas provoca modificações no funcionamento do organismo. A palavra droga ou tóxico também é a denominação de substâncias que provocam alterações mentais e de comportamento, tais como a cocaína, maconha, "crack", LSD, heroína, entre outras (NOBRE; DOMINGUES, 1997, p. 4).

Na contemporaneidade o que se vê é um enorme leque de drogas existentes, a facilidade de aquisição e até mesmo o incentivo para o consumo a pretexto de comemorações.

Entre nós, brasileiros, tanto em manifestações religiosas, principalmente na Bahia, como em folguedos de carnaval, em festas similares e na *Oktoberfest*¹ em Santa Catarina, há uma autorização geral e até estimulação não só para o consumo, como para o excesso de consumo. Na *Oktoberfest* o sucesso do evento é medido pela quantidade de litros de chope ingeridos durante as duas semanas de festa (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p. 184).

¹ Festa tradicional de origem alemã, realizada no mês de Outubro na cidade de Blumenau, Santa Catarina.

Muito tem sido feito pelos governos no sentido de minimizar os problemas causados pelo uso de drogas. A tentativa normalmente passa pela máxima: “é melhor prevenir do que remediar”.

Para uma política de prevenção eficaz, como indicam vários autores (MALUF; MEYER, 2002; MARLATT; GORDON, 1993; MESQUITA, 1996; SLOBODA, 2004), entre outros, é necessário primeiramente um levantamento dos fatores de risco e fatores de proteção, entendendo os mesmos como as condições às quais os indivíduos estão expostos, que podem aumentar ou diminuir a probabilidade do uso de drogas.

O objetivo principal deste trabalho foi analisar as trajetórias pessoais e itinerários de contato com drogas, de jovens de classe social média/média alta, que optaram por *não* usar drogas, permitindo-nos elencar os principais fatores de proteção para o *não* uso.

Entendemos que através da análise dessas trajetórias, das diferentes formas de contato dos jovens com as drogas lícitas e ilícitas; da identificação de da visão de mundo que têm esses jovens não usuários sobre drogas; da posição destes frente a usuários de drogas; e especialmente através da análise dos itinerários - afetivo, religioso-espiritual e familiar - relativos às suas vivências, podemos começar a construir uma base de informações mais sólida e realista dos fatores de proteção para o *não* uso. Esta base poderá ser observada pelos formuladores de Políticas Públicas de prevenção ao uso e abuso de drogas, bem como de Políticas que tratam com as suas conseqüências, ou seja, o universo do tráfico e das experiências de criminalidade, por exemplo.

Hoje, início do terceiro milênio, a droga ocupa a centralidade de muitas das discussões e, muitas vezes parece que seu uso, seus efeitos, a repercussão social e de saúde é uma manifestação contemporânea, porém, sabemos que seu uso vem de tempos muito remotos.

Baptista Neto² e Osório³ (2002) relatam que o homem vem, através dos tempos, utilizando substâncias diversas, naturais ou sintéticas para modificar a sua percepção do mundo, bem como para transformar a sua vivência subjetiva com variáveis de aceitação ou rejeição, conforme a cultura, o tempo, a localidade.

A reação social a tal comportamento variou desde a sua plena aceitação ou a sua associação a práticas religiosas até sua rejeição, com a conseqüente marginalização e perseguição dos transgressores. A própria noção do que é “droga” e do que deve ser proibido variou no tempo e no espaço (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p.183).

O consumo de drogas não nasceu, portanto, em uma determinada sociedade, podendo ser encontradas referências em praticamente todas as culturas quanto ao seu uso esporádico ou constante.

A Bíblia refere que Noé, após o dilúvio e já velho, embriagou-se “involuntariamente” com suco de uvas. O conhecimento da *canabis*⁴ e sua utilização remontam mais de 4.000 anos a.C., servindo, além de matéria-prima para fibras e manufatura, também como remédio e elemento de rituais religiosos ou mágicos (op. cit., p. 183).

Sabe-se que na China, o hábito de se usar ópio, significou uma tradição cultural de milhares de anos. Os autores citam também o hábito de mascar folhas de coca, ou ingeri-la sob forma de chá, para conseguir energia para o trabalho ou amenizar a fome pelos índios sul-americanos do Peru, Bolívia, Colômbia e Equador, assim como no Brasil segmentos carentes da população, algumas vezes, fazem uso da cachaça e, no caso dos meninos de rua, cola e solventes para amenizar a fome e o frio.

² Francisco Baptista Neto é médico psiquiatra graduado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, com especialização em Terapia familiar no *Hannemam College Philadelphia*, nos EUA. Foi membro efetivo do Conselho Federal de Entorpecentes – CONFEM, como representante do Ministério da Justiça e da Associação Médica Brasileira.

³ Luiz Carlos Osório é médico psiquiatra formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialização em terapia familiar no *Instituto di Terapia Familiare* de Roma.

⁴ *Canabis Sativa*: Nome científico da Maconha.

No Brasil o uso da maconha foi um hábito provavelmente trazido pelos escravos africanos e difundido principalmente no Nordeste. O uso dessa substância pelos escravos era tolerado pela elite, pois garantia a docilidade destes nos momentos de ociosidade. Durante muitos anos o uso de maconha esteve associado às classes sociais mais baixas (LARANJO, 2002, p.15).

Desde a década de 1970, quando do advento do aumento do consumo de drogas como o LSD, cocaína, maconha e álcool, por exemplo, inúmeros especialistas no Brasil e no mundo, se detêm em analisar o fenômeno sob diversas óticas. Podemos citar entre tantos outros: Marlatt e Gordon (1993), no estudo da problemática da recaída e redução de danos, Johnson (1992), sobre alcoolismo; Nakken, sobre personalidade adictiva e, no Brasil, Baptista Neto e Osório (2002), que estudam o consumo de drogas entre adolescentes; Ronaldo Laranjeira⁵, que contribui nas pesquisas sobre novas substâncias que chegam ao mercado e estudos sobre o tabaco (1999), Carlini⁶ (2001) com pesquisas e dados sobre o uso de drogas em todo território brasileiro; Dartiu Xavier⁷ (2002), nos estudos no campo da psicologia. Estes são apenas alguns, dos mais lembrados e citados estudiosos sobre o assunto, de uma lista significativa de médicos psiquiatras, psicólogos, antropólogos, entre outros, que se debruçam sobre o assunto. Apesar do número de pesquisadores, nos parece, porém, que transformar todas as informações recolhidas através dos estudos que vêm sendo feitos nesse campo, em políticas públicas é o grande desafio.

A falta de efetividade no combate ao comércio ilegal e do uso abusivo de drogas no Brasil e no mundo, bem como suas conseqüências econômica e social, revelam que as políticas de prevenção e repressão não têm sido suficientemente eficazes.

⁵ Ronaldo Laranjeira – Psiquiatra PhD em Psiquiatria pela Universidade de Londres; Coordenador da UNIAD; Professor Adjunto do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).

⁶ E. A . Carlini – Professor Titular de Psicofarmacologia do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo – EPM e Diretor do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID.

⁷ Dartiu Xavier é psiquiatra, coordenador do Programa de Orientação e Assistência a Dependentes, da Universidade Federal de São Paulo.

As pessoas têm compreendido mal os motivos da dependência química. Não se trata de uma simples decisão que as pessoas tomam sobre usar ou não usar drogas. Todas as abordagens tradicionais, no sentido de fornecer informações aos adolescentes sobre os perigos do fumo, da bebida e do uso de drogas ilegais, de modo geral, falharam. Os estudos que avaliam esses tipos de abordagens baseadas na disseminação de informação -- ou até mesmo as abordagens que usam táticas de terror para enfatizar os perigos do uso de drogas -- mostram que essas abordagens são totalmente ineficazes (BOTVIN, 1999, p. 21).

Esta falta de efetividade tem sido percebida por pesquisadores (BOTVIN⁸, 1999; GUEDES, 2002; IVANISSEVICH, 2002; MARQUES; ZALESKI⁹, 2004) como sendo resultado da escassez ou invisibilidade de dados qualitativos consistentes que retratem com maior consequência e propriedade os contextos sócio-culturais, as relações sociais que são estabelecidas nestes contextos e os padrões de motivação e manipulação utilizados pelos usuários (ou não) de drogas. Ainda não são muitos os programas no Brasil, tanto na educação quanto nas empresas, que apresentam resultados efetivos.

Ninguém gasta mais com uma política antidrogas do que os Estados Unidos: US\$ 35 a 40 bilhões anuais. Os resultados, no entanto, não são nada animadores. A repressão tem ajudado a inchar as prisões e a tornar mais corrupta a polícia norte-americana. Milhares de jovens negros e hispânicos acabam na cadeia: há mais deles na prisão do que na escola. Apesar de o governo insistir em afirmar que a estratégia de combate está funcionando, um terço dos norte-americanos com mais de 12 anos de idade admitiu já ter experimentado drogas no último ano (IVANISSEVICH, 2002, p.31).

Andréa Guedes (2002) cita em artigo para a *Revista Ciência Hoje* que em uma avaliação geral sobre o consumo de drogas no Brasil existe um grande descompasso entre a legislação, as políticas públicas e os problemas reais de saúde na população brasileira.

⁸ Professor de psiquiatria e saúde pública na Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell (*Cornell University Medical College*). Botvin é o diretor do Instituto de Pesquisa para a Prevenção, da Universidade de Cornell (*Cornell's Institute for Prevention Research*).

⁹ Marcos Zaleski - Médico psiquiatra – Especialista em dependência química pela UNIFESP e mestre em psicofarmacologia pela UFSC. Professor de Psiquiatria no Departamento de Clínica Médica da UFSC. Supervisor do Ambulatório e da Unidade de Dependência Química da Residência em Psiquiatria do Instituto de Psiquiatria de Santa Catarina.

Nas últimas décadas, as poucas mudanças no panorama nacional do consumo de drogas psicotrópicas foram para pior, especialmente no que se refere ao aumento do consumo de drogas ilícitas (maconha e cocaína). Estes dados mostram que as medidas adotadas nos últimos anos não tiveram a eficácia esperada. É essencial, portanto, estudar fórmulas alternativas de se lidar com esta questão. Vários países vêm buscando soluções, mas até o momento nenhum parece ter atingido plenamente a meta pretendida (GUEDES, 2002, p.47).

Em Santa Catarina, a experiência acumulada nos últimos anos pelas pesquisas¹⁰ realizadas no LEVIS¹¹ do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina em colaboração com a Secretaria de Estado de Segurança Pública e Cidadania de Santa Catarina revela de modo incontestável a absoluta necessidade e a urgência de um novo paradigma na definição de políticas públicas no campo das drogas. De fato, estas pesquisas apontam para uma correlação, ainda que não causal, entre o aumento da violência e o uso de drogas, como, por exemplo, a pesquisa¹² de nossa autoria (KAWALL, 2003), intitulada “O parricídio nos processos penais nas Comarcas da Grande Florianópolis entre 1900 e 2001”.

Ao analisarmos os Processos de parricídios e de agressões, constatamos que um ator estava sempre presente: o uso de drogas, especialmente cocaína, maconha e álcool. Estas drogas apareciam ora no lado do perpetrador do crime, ora do lado da vítima, ou de ambos. Percebemos que o uso de drogas por parte do perpetrador do crime é sempre um agravante da situação, muitas vezes justificando o crime. Já por parte do agredido o uso de drogas aparece como potencializador de sua situação de vítima (KAWALL, 2003, p. 21).

A presença das drogas no âmbito dos debates teóricos aponta para o agravamento das questões sociais como a violência e a criminalidade, constituindo-se como um problema social bastante complexo. Os sujeitos que utilizam substâncias psicoativas, principalmente as ilícitas e o álcool em excesso,

¹⁰ Temas das pesquisas: Violência contra a mulher, Parricídio, Homicídios na Grande Florianópolis, Suicídio, entre outras.

¹¹ Laboratório de Estudo das Violências.

¹² Pesquisa realizada com Bolsa de Iniciação Científica do PIBIC/CNPq/UFSC nos anos de 2000-2001.

são tidos, em muitos casos, como responsáveis dessas situações, fazendo com que as drogas sejam consideradas como o grande mal da civilização, tanto individual quanto social. Nos processos criminais, as drogas aparecem como um bode expiatório, justificando ou reduzindo o crime à relação com o uso de substâncias psicoativas.

Na realidade, a experiência no âmbito da intervenção e da pesquisa, assim como aponta a literatura especializada (ZINBERG, 1984; MacRAE, 1994; RIBEIRO, 1997), permite afirmar que é a falta de um conhecimento aprofundado das experiências vivenciais concretas dos agentes sociais envolvidos no contato com o universo das drogas, a dimensão sócio-cultural, suas trajetórias de inserção ou não, bem como possíveis experiências de desvio e criminalidade que definem a falta de contato entre as políticas de redução de danos e mesmo as de repressão policial e o seu público-alvo.

A alternativa a que se propõe essa pesquisa é a de se estudar não os jovens que fazem uso ou já estão comprometidos, dependentes de drogas, como comumente vem sendo estudado, mas sim estudar o jovem que, apesar de ter tido contato e possibilidades de usar drogas, optou por não usá-las. Pensamos que percorrer e conhecer a trajetória dos *não* usuários de drogas cria novas possibilidades de se trabalhar com o complexo tema de uma perspectiva diferente das que têm sido apresentadas até agora. De fato, pesquisas relevantes sobre o assunto como: IV Levantamento sobre o uso de Drogas entre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua de Seis Capitais Brasileiras – 1997 (CARLINI et al, 1998), e o I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil (CARLINI et al, 2002), – ambas desenvolvidas pelo CEBRID - privilegiaram os usuários de drogas, suas trajetórias, histórias de vida, caminhos e possibilidades de recuperação. Podemos citar a de 2001 como a mais relevante e completa pesquisa recentemente realizada no território brasileiro. Nesta pesquisa foi feito um levantamento de dados nas 107 maiores cidades do país, totalizando 47.045.907 habitantes, representativos de 41,3% da população brasileira (CARLINI et al, 2002).

A referida pesquisa revelou que as drogas lícitas são bastante utilizadas

pela população, sendo o consumo de álcool feito por 68,7% e o de tabaco por 41,1% da população. Já as drogas ilícitas como maconha, solventes, cocaína, xaropes, entre outras representam um percentual bem menor. Só para se ter uma idéia, o maior consumo é o de maconha com 6,9% de usuários ou pessoas que já fizeram uso em algum momento da vida. No quesito “dependência” o álcool é responsável por 11,2% de dependentes e o tabaco por 9,0%. Ainda com respeito às drogas ilícitas os benzodiazepínicos (medicamentos contra a ansiedade) estão em primeiro lugar e são responsáveis por 1,1% dos dependentes, seguidos da maconha com 1,0%.

Na Região Sul, foco desta pesquisa, os dados revelam um consumo maior de drogas lícitas e ilícitas do que o da média brasileira. Por exemplo, no Brasil, em média, 41,1% da população fazem uso de tabaco, no Sul este número passa para 44,1%. De álcool, fazem uso, na média brasileira, 68,7%, no Sul, 69,4%. Das drogas ilícitas, citamos a maconha que na média brasileira é de 6,9% e na média da Região Sul é de 8,4%.

Parece surpreendente que apesar de os não usuários de drogas serem em número discrepantemente superior, são poucas as pesquisas encontradas sobre este segmento da população. Na revisão bibliográfica feita para elaboração desta pesquisa, encontramos somente dois trabalhos sobre a razão de adolescentes não fazerem uso de drogas, sendo relevante a dissertação de Mestrado em Ciências¹³ de Zila Van Der Meer Sanches com o título: “Razões que levam determinados jovens, mesmo expostos a fatores de risco, a não usarem drogas psicotrópicas” (SANCHES, 2004).

Na pesquisa para sua dissertação de mestrado em Ciências, Sanches realizou 62 entrevistas com adolescentes favelados da periferia de São Paulo, usuários e não usuários de drogas, para, em análise comparativa, estudar fatores de proteção para o *não* uso. Os resultados alcançados, não generalizados, indicam que os fatores mais influentes para o *não* uso de drogas por aquele segmento de jovens estudados são: uma boa estrutura familiar, a disponibilidade

¹³ Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina.

de informação sobre o assunto e o compromisso, de freqüência e assiduidade, tanto dos entrevistados, quanto de suas famílias, com alguma religião.

Segundo Alba Zaluar¹⁴ (2002) diversos estudos realizados nos Estados Unidos contestam as idéias de senso comum, que associam o uso e o tráfico de drogas com à pobreza, “lares desfeitos” e “más companhias”.

Alguns estudos procuram mostrar que não a pobreza, mas as próprias exigências do funcionamento do tráfico são a origem do comportamento violento associado ao uso de drogas. Outros juntam evidências de que a falta de diálogo aberto entre pais e filhos abre o caminho para o consumo das mesmas (ZALUAR, 2002, p.33).

Diante destes indicativos nos perguntamos: Os jovens de classe média/classe média alta¹⁵ são suscetíveis aos mesmos fatores para abster-se do uso, ou existem outros? Portanto, para avançarmos no sentido de compreender quais as determinações que fazem com que um jovem *não* use drogas, nesta pesquisa privilegiaremos o estudo de adolescentes e jovens adultos de classe média/média alta.

O estudo de Sanches (2004) aprofundou o estudo dos jovens de uma periferia de São Paulo, onde o contato com as drogas dá-se comumente através da vizinhança, na escola e muitas vezes dentro de casa. Diferentemente, o nosso estudo privilegiou somente jovens que *não* fazem uso de drogas (ilícitas) e de classe social mais alta.

Ressaltamos que a opção por estudar jovens adultos¹⁶ se deu por entendermos que nesta fase da vida estes jovens já tiveram várias oportunidades de contato e uso de drogas, pois, segundo especialistas, é na passagem da infância para adolescência que se dá efetivamente a escolha por fazer ou não uso de drogas. Baptista Neto e Osório (2002) entendem que o término da adolescência é difícil de determinar e que obedece a uma série de fatores de

¹⁴ Antropóloga, pesquisadora do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁵ Segundo dados da Fundação IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – classe média alta tem renda familiar acima de R\$ 5.000,00 mensais e classe média, renda familiar entre R\$ 2.500,00 e R\$ 5.000,00 mensais.

¹⁶ Jovens adultos – faixa etária que compreende dos 18 aos 24 anos.

natureza sócio-cultural, que ocorreria, em termos etários, por volta dos 25 anos na classe média brasileira. Para tanto, discriminam os elementos mais universais que possibilitariam assinalar o término da adolescência, quais sejam:

- estabelecimento de uma identidade sexual e possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis;
- capacidade de assumir compromissos profissionais e manter-se (independência econômica”);
- aquisição de um sistema de valores pessoais (“moral própria”);
- relação de reciprocidade com a geração precedente (sobretudo com os pais) (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p.37).

Revela Becker (1985) no livro *O que é adolescência*: “A adolescência é uma fase de novas sensações e experiências antes completamente desconhecidas. E é geralmente nesta fase que se tem o primeiro contato com uma ‘terrível ameaça’: a droga” (BECKER, 1985, p.44). Ou, como cita Lima (1987):

Como a adolescência é um período essencialmente crítico, é nela, normalmente, que aparece o primeiro movimento em direção às drogas. O adolescente vai em busca da droga como solução para conflitos que podem representar tanto dificuldades não resolvidas no passado como a crise de identidade que ele vivencia neste período da sua vida (LIMA, 1997, p.20).

Gilbert Botvin (1999) diz que, contrariando o que diz a mídia, especialistas revelam que a maioria dos jovens *não* usa drogas. Os adolescentes em geral parecem superestimar o número de jovens da sua idade, assim como o número de adultos, que usam drogas. Essa noção de que "isso é uma coisa que todo mundo faz" exerce pressão sobre cada jovem, para que eles ajam de acordo com o que eles pensam que é a norma, mas na verdade, trata-se de uma falsa impressão.

Alertando os jovens para o fato de que os jovens, na sua grande maioria, não usam drogas, tornando-os cientes do fato de que não é normal usar drogas, você reduz a pressão que eles sofrem para se conformar a esses padrões externos que, na verdade, não existem (BOTVIN, 1999, p.22).

Pesquisar aqueles que optaram por *não* fazer uso de drogas nos parece, assim, uma opção enriquecedora, pois permitirá investigar, não o lado patológico, já tão explorado da dependência química, mas sim os elementos estruturais da formação dos jovens da nossa época.

Espera-se que o resultado principal dessa pesquisa contribua para a constituição de uma base de informações sobre os fatores que orientam as trajetórias dos não usuários de drogas. Esta base pode emprestar subsídios para a avaliação de políticas públicas ou privadas, no campo das drogas, especialmente no que se refere a sua dimensão preventiva e terapêutica. Assim, poderemos contribuir para o desenvolvimento de políticas sociais de amplo alcance na promoção da segurança pública, saúde individual e coletiva, e da cidadania, que sejam mais eficientes e tenham resultados concretos na melhoria da qualidade de vida da população.

A presente pesquisa se justifica, portanto, como uma alternativa em termos teórico-metodológicos com possibilidades de criar uma nova visão deste universo de experiências, tão estigmatizado, que envolve o uso de drogas, uma vez que enfatiza as trajetórias concretas dos não usuários e não apenas a perspectiva judicializante e estigmatizante daqueles que usam drogas.

Nesta visão, uma abordagem das subjetividades, projetos, implicações interacionais (familiares, comunitárias, religiosas, etc) no contexto de vivências de jovens não usuários de drogas, poderá delinear mais adequadamente as estratégias para promover abordagens e políticas de combate mais efetivas na questão das drogas, que considerem tanto aspectos sociais, quanto culturais, quanto os mais especificamente terapêuticos ou repressivos, numa agenda de produção de conhecimento sobre o assunto.

Entendemos que ao buscarmos uma compreensão do universo de possibilidades significativas para os sujeitos pesquisados que formam a matriz de suas opções, através do quadro das suas trajetórias pessoais, estas definidas em torno de projetos individuais e do campo de possibilidades, estamos construindo um quadro em que os próprios indivíduos tornam-se concretamente sujeitos sociais.

A presente dissertação está dividida em 3 capítulos. No Primeiro, tratamos da metodologia utilizada descrevendo o tipo de pesquisa, o universo estudado, a amostra, os instrumentos de pesquisa e como se deu a análise de dados.

No segundo capítulo fazemos uma revisão teórica sobre o assunto tratado, buscando situar o leitor quanto aos conceitos aqui trabalhados como: drogas, uso, abuso, dependência, experimentação, entre outros, para em primeiro lugar sabermos de que droga e de que jovem estamos falando.

Ao final, no terceiro capítulo apresentamos as nossas considerações conclusivas feitas a partir da análise dos dados colhidos durante as entrevistas.

CAPÍTULO 1

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

1.1 A opção pela pesquisa qualitativa

Para desenvolvermos a presente pesquisa buscamos uma compreensão do universo de possibilidades significativas para os sujeitos pesquisados: jovens de classe média/classe média alta, com idade entre 18 a 28 anos e *não* usuários de drogas ilícitas.

Antes de iniciarmos a pesquisa, submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, que concedeu a aprovação conforme consta no Anexo 1. Cabe ressaltar que todas as ações realizadas estiveram de acordo com os procedimentos do Código de Ética dos Assistentes Sociais, e que, aos entrevistados asseguramos o direito ao anonimato¹⁷, com o cuidado para que não possam ser identificados através da leitura deste trabalho.

A metodologia escolhida para a realização deste trabalho foi uma pesquisa de tipo explorativa de caráter qualitativo, pois esta permite, segundo Minayo, “incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, e as estruturas sociais, sendo estas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, com construções humanas significativas” (MINAYO, 1994, p.10).

TAYLOR e BOGDAN (1998) referem-se à metodologia qualitativa como a que produz dados descritivos, fornecidos de forma escrita ou falada pelos pesquisados e também pelo comportamento destes dentro deste grupo. Os pesquisados são investigados como um todo e não reduzidos a variáveis dentro

¹⁷ Na dissertação os nomes dos sujeitos de pesquisa foram substituídos por pseudônimos. Houve retenção de informações primárias e secundárias que poderiam implicar em reconhecimento ou identificação suposta dos participantes.

de um conjunto, sendo que o foco principal é a vivência que o entrevistado tem do que está sendo estudado.

A principal vantagem da metodologia qualitativa, no nosso entender, é que permite aprofundarmos um determinado assunto, trazendo uma qualidade de conteúdo mais significativo nos resultados.

Sanches (2004), porém, levanta aspectos negativos desta metodologia quando diz que o tempo gasto nas entrevistas é bem maior que o das entrevistas quantitativas que trabalham com questionário dirigido. Aponta também que como a metodologia qualitativa utiliza-se de amostra intencional, não aleatória, “acaba por limitar os achados à população investigada ‘validade interna’, desta forma, não permitindo generalização dos achados à população global ou inferências a outras populações” (SANCHES, 2004, p.23).

Apesar de as drogas pertencerem, em seu sentido mais científico, ao campo da saúde, o resultado de seu uso, ou *não* uso, aparece no campo das relações sociais, mesmo que em decorrência de sintomas físicos. Desta forma, a escolha da metodologia qualitativa revelou-se adequada, pois permitiu que nos aproximássemos dos jovens *não* usuários de drogas, de modo que nosso objeto de pesquisa pode ser investigado por uma ótica diferente das que tem sido adotadas até aqui.

1.2 O Universo

O universo estudado é o de jovens de classe média/média alta, *não* usuários de drogas ilícitas, considerando o conceito do IBGE, que, classifica a classe média, como aqueles que têm renda familiar igual ou superior a R\$ 2.500,00 mensais e a classe alta como aqueles que têm renda familiar igual ou superior a R\$ 5.000,00 mensais.

Ainda no projeto da presente pesquisa, prevíamos que a classificação da classe social dos sujeitos a serem entrevistados, seria norteadada pela frequência a uma escola particular sem bolsa de estudo. Porém, durante as entrevistas encontramos uma classe média/média alta que nem sempre condizia com o que

havíamos planejado. No percurso, nos deparamos com alguns dos jovens entrevistados, que se enquadravam na classificação de renda do IBGE, mas que não haviam estudado durante toda a vida escolar em estabelecimentos privados, tendo-o feito, em algum momento de suas vidas, em escolas públicas. Apesar de contradizerem o que previamente havíamos acordado que seria o nosso referencial, esse jovens foram entrevistados e fazem parte de nossa pesquisa, porque entendemos que a alternância entre escolas públicas e privadas se deu não por questões de ordem econômica e sim por localização geográfica, manutenção de amizades consideradas positivas e qualidade de ensino.

1.3 A Amostra: os sujeitos entrevistados

Para a obtenção da amostra, tivemos o cuidado de que o tamanho da mesma fosse suficiente para garantir a resposta a todas as categorias elencadas no roteiro das entrevistas, de forma que, em dado momento, constituíssem uma base de dados passível de comparações, e estabelecimento de alguns achados entre si.

Para o recrutamento dos pesquisados, o processo escolhido foi o “Bola de Neve”¹⁸, (MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1999; SANCHES, 2004), que consiste em partir de um primeiro entrevistado, que condiz com o perfil a ser estudado, que indica outro, e este por sua vez indica outro e assim sucessivamente até que se chegue a um ponto de redundância no qual, as falas tornam-se repetitivas entre si. No caso desta pesquisa o início deu-se em Florianópolis, Santa Catarina, onde realizamos a primeira entrevista para um pré-teste e a continuidade da mesma foi em Curitiba no Paraná, onde passou a residir a pesquisadora.

Em Curitiba tivemos três entrevistados chaves como primeiros entrevistados a indicarem outros. Ter três pessoas como entrevistados chaves, possibilitou a formação de três cadeias distintas, permitindo assim, uma maior

¹⁸ Este processo de recrutamento é chamado também de Técnica em Cadeias.

diversidade de informações, já que os entrevistados indicaram pessoas das suas relações com tendência a maiores similaridades entre elas.

Havíamos previsto entrevistar primeiramente adolescentes entre 16 e 21 anos, porém, por ocasião da qualificação de nosso projeto de pesquisa foram levantados alguns possíveis óbices para o recrutamento de pessoas desta faixa etária. Como a necessidade de solicitar a autorização dos pais e/ou responsáveis e, a coleta de dados ainda inconsistentes devido a pouca idade e a conseqüente pouca experiência dos mesmos.

Desta feita optamos por entrevistar, inicialmente, jovens entre 18 e 25 anos (jovens adultos), porém, no processo de indicação, surgiram jovens, que se encontravam na faixa entre 26 e 28 anos. Como estes jovens tinham o perfil adequado, não usavam drogas ilícitas e eram de classe média/média alta, aceitamos incluí-los, o que, verificamos, ampliou o universo de significados da nossa pesquisa, pois estes jovens adultos tiveram mais experiências de contato com drogas, possibilidades de uso e uso propriamente dito, do que os mais novos.

Foram respeitados os dois aspectos, com relação ao uso de drogas, ou seja, o jovem a ser entrevistado ter tido contato com drogas e não ter experimentado, ou ter tido contato, ter experimentado, e ter optado pela *não* continuidade do uso.

Para a obtenção dos dados foram realizadas dez entrevistas, sendo cinco individuais e cinco coletivas, dois grupos com dois participantes e três grupos com três participantes perfazendo um total de dezoito informantes. Havíamos definido, a priori, um número de aproximadamente vinte informantes, que prevíamos ser um número próximo do necessário para contemplar um bom material para análise.

Entendemos que, com dezoito informantes, já havíamos atingido o que, na pesquisa com metodologia Bola de Neve, chama-se “Ponto de Redundância”, ou seja, as informações passaram a se repetir. Acreditamos que os jovens entrevistados, ao indicarem pessoas de seus círculos de conhecimento, acabaram por formar as três cadeias com muita similaridade entre seus componentes. Isto, de maneira nenhuma comprometeu o trabalho, embora, este certamente seria enriquecido se tivéssemos tido mais tempo para investigar outros círculos de

jovens com os mesmos quesitos de inclusão na pesquisa, porém com trajetórias pessoais com maiores diferenças entre si.

1. 4 O Instrumento de coleta de informações

A entrevista foi o instrumento privilegiado da nossa pesquisa. Estas foram realizadas assegurando a total privacidade do entrevistado e a impossibilidade de interrupção por qualquer motivo. Algumas foram realizadas no escritório da casa da pesquisadora e outras, na casa de algum dos entrevistados. Cada entrevista teve em média a duração de duas horas e 30 minutos. Antes disso, fizemos duas das entrevistas que consideramos como pré-teste, o que nos auxiliou a levantar, observando no conteúdo e na dinâmica das mesmas, o que não havia sido bem conduzido, não levando aos resultados almejados.

Para a coleta dos dados, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra, com o acréscimo de a cada resposta, identificarmos o nome do entrevistado, já pelo pseudônimo, e a sua idade.

Segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p.170):

Pesquisas qualitativas tipicamente geram um enorme volume de dados que precisam ser organizados e compreendidos. Isto se faz através de um processo continuado em que se procura identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes o significado... À medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores.

Segundo Groissman¹⁹ e Rifiotis²⁰ (2004), a entrevista por ser um ato comunicativo, pertencente a uma categoria de interlocução culturalmente definida,

¹⁹ **Alberto Groisman** - Doutor em Antropologia Social, University of London, e professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

²⁰ **Theóphilos Rifiotis**, PhD em Antropologia Social pela Universidade do Canadá – Montreal – Canadá. Doutor em Sociologia, Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Coordenador do Laboratório de Estudo das Violências (LEVIS), Universidade Federal de Santa Catarina.

permite modalidades concretas de interação entre os pesquisadores e os sujeitos da pesquisa. A intimidade possível (aqui, no sentido proximal e não invasivo) e a empatia são fundamentais para que a narrativa de trajetórias e projetos seja efetivamente um ato de compartilhamento de experiências.

Foram estabelecidos tópicos a serem abordados nas entrevistas, que contemplavam algumas categorias previamente elencadas para nortear a fala dos entrevistados, que podem ser conferidos no Roteiro de Entrevista (Anexo 2). As primeiras categorias foram as mesmas destacadas, já como resultado, nos fatores de proteção para o *não* uso de drogas que Sanches (2004) obteve em sua pesquisa, quais foram: estrutura familiar, educação, religião e contato com drogas. Durante as entrevistas, foram emergindo sub-categorias tais quais: formas de contato; visão de mundo; posicionamento frente usuários de drogas; itinerários afetivo, religioso/espiritual e familiar.

Antes de iniciarmos a entrevista líamos para o entrevistado o “Termo de consentimento livre e esclarecido” (Anexo 3) que, em linhas gerais, descreve os objetivos da pesquisa com a garantia do anonimato do entrevistado. Estando de acordo, este assinava o Termo e só então dávamos início à entrevista.

Após a realização de uma entrevista, o entrevistado indicava outro ou outros conhecidos que respeitassem os critérios de inclusão da amostra. Como de antemão, ao serem convidados, já sabiam que deveriam indicar alguém, alguns perguntaram se não poderiam já comparecer juntos à entrevista, ou se obrigatoriamente deveriam ser entrevistas individuais. Após a primeira entrevista com três participantes verificamos que esta metodologia mostrou-se bastante produtiva, tendo sido repetida por mais de uma vez.

Através de pesquisa qualitativa, realizada com o instrumental entrevista, procuramos reconstruir o quadro das suas trajetórias pessoais, ou seja, reconstruímos os percursos pessoais em sua complexidade e riqueza, o que nos permitiu observar os jovens pesquisados e suas experiências. Assim, a nossa

capacidade de compreensão esteve favorecida, permitindo a construção de um conhecimento mais próximo da realidade.

Ao contarem suas trajetórias de vida, os entrevistados iam pouco a pouco revelando o cenário de onde, como, com quem e de que maneira cresceram e se constituíram em quem são hoje. As questões apresentadas pela pesquisadora permitiram que os entrevistados se mantivessem no eixo norteador contemplado do Roteiro de entrevistas, falando sobre os assuntos previamente delimitados.

No início das entrevistas os entrevistados eram convidados a falar sobre aspectos de sua vida que considerassem relevantes, ou simplesmente que tivessem vontade de colocar naquele momento. Alguns iniciaram falando diretamente sobre drogas como Lúcia, Maurício e Sérgio, mas a maioria preferiu começar por aspectos do reduto familiar e da infância, seguindo uma linearidade cronológica.

Através das entrevistas destes jovens que optaram por *não* fazer uso de drogas, identificamos como se deram os processos e como se deram os itinerários - afetivo, religioso-espiritual e familiar de cada um deles sobre os quais falaremos no Capítulo 3.

A análise de dados nas pesquisas qualitativas é um processo complexo, não linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação de dados. Os resultados foram validados através da coerência entre os resultados empíricos e a teoria já revelada anteriormente por outros pesquisadores. No nosso caso, coube aos resultados da pesquisa de Sanches (2004) o nosso ponto de partida para a escolha das categorias a serem pesquisadas. Algumas perguntas, também, foram surgindo através da pesquisa de Sanches com jovens da periferia de São Paulo. Será que jovens de classe média/média alta, do sul do Brasil, são protegidos pelos mesmos fatores para o *não* uso que os jovens paulistanos? O tipo de contato é maior, menor? Isso faz diferença?

Nos permitiu também, formular outras perguntas norteadoras para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Na pesquisa de Sanches a Religião, explicitada por ida a rituais formais em templos e igrejas, aparece como uma categoria significativa de fator de proteção para o *não* uso. Na nossa pesquisa,

nos perguntamos: os jovens por nós estudados, como na pesquisa de Sanches (2004) utilizam a ida a igrejas e templos como expressão de sua religiosidade, ou teriam uma religiosidade mais ligada à busca pelo auto-conhecimento, a um suporte espiritual? Outra questão era a de que, por terem um nível intelectual superior, um maior acesso a informações, os jovens por nós estudados teriam uma maior consciência de que álcool e tabaco também são substâncias pertencentes ao universo de drogas?

De posse do material transcrito, iniciamos o processo de ordenamento dos dados. Segundo Mazzotti e Gewandszajder (1999), o processo de ordenamento dos dados para análise evidencia a intrínseca relação entre as categorias através de uma organização sem rigidez metodológica e esquemática. Iniciamos por uma ampla identificação e articulação das informações, onde o potencial de encontro entre o material empírico e o conhecimento sobre o contexto do pesquisador emanou. Após essa categorização, fez-se um reordenamento dos dados com base no referencial teórico da pesquisa. Os desafios foram os de transformar os dados, em categorias passíveis de uma lógica de análise.

O reordenamento dos dados deu-se da seguinte maneira:

- *Identificação das categorias de análise.* Para identificarmos as categorias foram necessárias várias leituras de cada entrevista, pois os entrevistados, na maioria das vezes, voltavam ao mesmo assunto e divagavam ao longo da entrevista.
- *Identificação de novos elementos de análise.* Após a identificação das categorias previamente elencadas partimos para a busca do que apareceu de novo no texto das entrevistas. Em verdade, os tópicos elencados previamente para ajudar na condução das entrevistas, mostrou-se bastante completo. A novidade em termos de novos elementos de análise esteve mais centrada nas sub categorias que iam aparecendo no decorrer da entrevista e, que, no momento da

análise foi de fundamental importância como enriquecimento da fala sobre o assunto.

- *Comparação entre os dados.* Primeiramente organizamos os dados de acordo com as categorias, de forma a ter agrupado, em um mesmo lugar, todas as falas sobre determinado assunto. Se por exemplo, uma mesma fala referisse a mais de uma categoria, esta aparecia em todas as vezes que fosse necessário, não sendo privilegiada nenhuma categoria em particular. Anexo à fala colocávamos o nome (anônimo) e a idade do entrevistado. Desta feita, fazíamos comparações, estabelecíamos relações e tirávamos de cada categoria aquilo que aparecia de mais significativo, percebido pela força do significado atribuído pelos entrevistados ou pela entrevistadora na hora da análise. Na comparação entre as entrevistas, as similaridades referentes às categorias nos permitiram, também, levantar as descobertas acerca da amostra investigada.

O resultado da análise de dados veremos nas conclusões desta pesquisa.

Entendendo ser de importante delimitar, contextualizar os principais conceitos com os quais estamos trabalhando nesta dissertação, no próximo capítulo faremos uma revisão bibliográfica com reflexões nossas sobre o universo das drogas e sobre o tipo de jovem por nós estudado.

CAPÍTULO 2

VERSO: o universo do uso de drogas

2.1 De que droga estamos falando

O assunto *Drogas* é extremamente complexo e qualquer tentativa de simplificação pode levar a um entendimento parcial da questão. Portanto, estabeleceremos alguns conceitos pertinentes ao assunto, com os quais trabalharemos nesta pesquisa, entendendo ser importante saber de que *Droga* estamos falando.

Do ponto de vista médico, as drogas são todas as substâncias consumidas para produzir alterações nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional do ser humano. Tadeu Lemos²¹ e Marcos Zaleski, (2004) apontam que drogas de uso recreacional ou de abuso são conhecidas popularmente pelo seu caráter lícito (álcool e tabaco, principalmente) e ilícitas (maconha, cocaína, cola, LSD, *ecstasy*, entre outras). São classificadas pela forma com que agem no cérebro, onde modificam as atividades do sistema nervoso central. Desta forma são conhecidas drogas estimulantes ou depressoras da atividade cerebral e outras que causam alucinações (alucinógenas).

De acordo com a Secretaria Nacional Antidrogas - SENAD, essa definição inclui maconha, cocaína e heroína, medicamentos antidepressivos, substâncias do nosso consumo cotidiano como o café e o chocolate bem como o cigarro e o álcool. Podemos classificá-las de acordo com a ação física e psicológica que provocam nas pessoas, subdividindo-as em três grandes grupos:

²¹ Médico especialista em dependência química - Departamento de Farmacologia e Clínica Médica da UFSC.

Drogas Depressoras: são drogas que diminuem a atividade do cérebro deixando seus usuários mais relaxados e calmos. São substâncias que reduzem a tensão emocional, a concentração, a atenção, a capacidade de memorização e a capacidade intelectual. “Podem produzir estados de sonolência, embriaguez e até coma, motivo pelo qual não devem ser usadas durante a realização de atividades de alto risco ou complexas, como conduzir veículos” (NERI FILHO; MARQUES, 2004, p.37). As mais conhecidas são: ópio, morfina, codeína encontrada em xaropes e analgésicos, heroína, álcool, tranqüilizantes, hipnóticos como os benzodiazepínicos, inalantes, como cola e verniz, clorofórmio e éter encontrados em lança-perfume e cheirinho da "loló" (Lança-perfume de fabricação caseira).

Drogas Estimulantes: são drogas que tornam o cérebro mais ativo, estimulando o Sistema Nervoso Central. Permitem que seus usuários tenham a impressão de serem fortes, potentes, corajosos, dinâmicos e de terem maior rendimento no trabalho. São substâncias que geralmente inibem a sensação de fome, de cansaço e de sono, normalmente produzindo estados de excitação e aumento da atividade. Os mais conhecidos são: nicotina, cocaína, *crack*, cafeína, *ecstasy* e anfetaminas encontradas nos moderadores de apetite.

Drogas Perturbadoras: essas não ativam nem deprimem o cérebro, e sim perturbam, alterando a senso-percepção e o pensamento de forma com que o cérebro atue de forma desordenada, determinando uma mudança significativa em termos de qualidade do funcionamento cerebral. (NERI FILHO; MARQUES, 2004). Causam alucinações, distorção de formas e cores que se assemelham a sintomas da loucura. As mais conhecidas são: LSD, maconha, haxixe e algumas espécies de cogumelo.

Do ponto de vista jurídico existem as chamadas drogas livres comercializadas sem controle como o álcool e o cigarro; as ilegais; e as de uso controlado que podem ser compradas com receita médica.

Segundo o psiquiatra Dartiu Xavier em entrevista para Vergara (2002), o que impressiona é que não há nenhum critério técnico que justifique a inclusão das substâncias em uma ou outra categoria.

À luz da ciência, não há ponto de corte. Heroína e cocaína causam dependência? Sim. Mas a nicotina, presente no cigarro que qualquer criança pode comprar na esquina, é, disparada a droga com maior poder de criar dependência (VERGARA, 2002, p.44).

Na verdade, a classificação das drogas dentro dessas duas categorias: legais (lícitas)²² e ilegais (ilícitas)²³ ou as de uso controlado (medicamentos), muda de acordo com o lugar, o momento, ou seja, muda de acordo com as configurações sócio-culturais. Diz Gilberto Velho²⁴:

É fundamental compreender que o uso de drogas não deve ser examinado isoladamente. Faz parte de um conjunto ao qual pode estar integrado de modos distintos. Através da antropologia e da história, sabemos como diferentes culturas criaram um espaço próprio para o consumo dos mais variados tipos de drogas, muitas vezes em contextos religiosos, em rituais e cerimônias específicos. Registram-se diversos casos em que a droga é um veículo privilegiado para a comunicação com o mundo dos espíritos e com o sobrenatural (VELHO, 1993, p.276).

O levantamento destes dados, com bem coloca Mesquita (1996), estão disponíveis na literatura, mas também devem ser coletados no próprio grupo.

A definição dos objetivos não deve se dar em hipótese alguma apenas a partir de impressões subjetivas ou informações da mídia. Essas duas fontes apresentam distorções da realidade. A primeira por ser possível inferir, individualmente, situações que de fato não acontecem ou não são prioritárias. A segunda fonte pode apresentar informações muitas vezes distorcidas a respeito de substâncias que podem não ser mais utilizadas pelo grupo em questão e porque a escolha das informações veiculadas é ideologicamente orientada (MESQUITA, 1996, p. 188).

²² **Lícito**; o que se pode fazer, o que a lei permite (HOUAISS, 2004, verbete “Lícito”).

²³ **Ilícito**: o que é vedado, defeso ou proibido por lei (HOUAISS, 2004, verbete “Ilícito”).

²⁴ Gilberto Velho – Antropólogo, professor titular de Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.

Outro aspecto que deve ser considerado é o tipo de relação com a droga que se objetiva atingir. Como já vimos acima, o uso pode ser experimental, de abuso ou de dependência. Então, deve-se pensar a política de prevenção tendo em vista um objetivo específico para cada grupo, observando os fatores de risco e de proteção, a faixa etária, o tipo de droga comumente consumida naquela localidade e etc. Como exemplifica Mesquita:

Assim, podemos definir como objetivo de um programa de prevenção, para um determinado grupo, acabar com o uso ocasional de álcool. Este objetivo seria não só inatingível, como também indesejável. No entanto, podemos considerar que retardar a primeira experimentação de álcool por jovens seja importante para evitar que estes possam ter problema com essa substância (MESQUITA, 1996, p. 188).

É importante também que se leve em conta o ambiente, a cultura onde a política será desenvolvida. No Brasil, por exemplo, dada a sua gigantesca territorialidade, encontramos características regionais tão distintas umas das outras que muitas vezes pensamos que estamos em outro país.

Ao contrário das primeiras políticas de prevenção nos idos dos anos 1960 – que atuavam tão somente em regime de repressão - as políticas atuais prezam o diálogo com enfoque na conscientização do porquê preservar-se ao uso. Como dizem Maluf e Meyer (2002, p. 19): “O desafio da prevenção, na verdade, é conviver com drogas legais e ilegais, garantindo a vida e a saúde”.

Nos últimos 20 anos, sobre o que funciona e o que não funciona, existe um grande hiato entre o que os pesquisadores sabem e o que as entidades que implementam os programas continuam fazendo. Portanto, precisamos traduzir, com sucesso, o que aprendemos no âmbito das pesquisas, e transformar esse aprendizado em ação, procurando as organizações que implementam os programas, as entidades que estão envolvidas com a prevenção e os educadores. Precisamos mostrar a eles, especificamente, os tipos de abordagens que são eficazes (BOTVIN, 1999, p.3).

As pesquisas para a criação das políticas passam, normalmente, pelo levantamento dos fatores de risco que levam crianças e jovens a fazerem uso de

drogas. Autores como Albertani; Scivoletto e Zemel (2004); bem como Carlini et. al. (2002) trazem que os fatores de proteção poderiam ser aqueles inversamente proporcionais aos fatores de risco. Por exemplo, se em uma pesquisa, aparece como fator de risco o contato próximo a traficantes, um fator de proteção seria distanciá-los dessa classe de indivíduos. Ou, se é levantado que a extrema pobreza é um fator de risco, então todos os pobres teriam mais chances do que os ricos de se tornarem usuários de drogas. Este tipo de inversão acaba por não corresponder com a realidade.

Estudos (VELHO, 1998; MESQUITA, 1996; LARANJO, 2002) revelam que não é mais possível isolar ninguém do contato com traficantes, pois estes estão em todos os lugares pelos quais circulam nossos jovens. Estão nas danceterias, nos bares, nas escolas e nas universidades públicas ou particulares. O risco apontado pela condição econômica passa muito mais pela vulnerabilidade social que a pobreza traz como a baixa escolaridade, o trabalho precoce e o estresse gerado pela condição sub humana de existência, do que pela condição econômica em si.

É interessante citar, como exemplo do que foi dito acima, a Revista Isto É²⁵ de 15 de fevereiro de 2006, que traz, somente nesta edição, várias citações ou matérias que se referem ao assunto drogas, ou ao uso de drogas por pessoas de reconhecimento público. A primeira comenta no Editorial da revista, a abstinência de álcool de 40 dias pelo presidente do Brasil Luis Inácio Lula da Silva. Nos comentários da semana, elogia a lei seca adotada em bairros do Recife que fez com que o índice de homicídios reduzisse em 37%. Mais adiante conta a história do envolvimento de Edinho, filho de Edson Arantes do Nascimento - Pelé, com o mundo das drogas.

Como então criar políticas públicas de proteção e prevenção ao uso de drogas que sejam coerentes com a realidade? Como lidar com o fato de que a droga é algo que *está* dentro da realidade social e, ignorar que o uso de drogas não acontece somente nos redutos das comunidades mais pobres? Neste sentido, pensamos que esta pesquisa, juntamente com a pesquisa de Sanches (2004),

²⁵ Revista semanal de variedades, publicada pela Editora Três, com distribuição para todo o Brasil.

pode contribuir como formas de estudo paralelas aos fatores de risco, na análise direta dos fatores de proteção.

No próximo item trataremos da relação dos adolescentes com drogas. Apesar da faixa etária dos nossos entrevistados ser a de jovens adultos/adultos, de 18 a 28 anos, pensamos ser importante trazer para a discussão, o universo dos adolescentes por entendermos que foi na adolescência que se deu a escolha pelo não uso de drogas por nossos entrevistados.

2.2 Drogas e Juventude

A relação adolescência e uso de drogas vem sendo estudada por Baptista Neto; Osório (2002), Carlini (1998), Pinsky²⁶; Bessa²⁷ (2004) entre outros, há algum tempo no Brasil. Os dados que levantamos são alarmantes: o início do uso de drogas se dá cada vez mais cedo em nossa sociedade, como revelam Velloso e Vieira (2002) nas pesquisas citadas em artigo da Revista Época. A primeira, realizada em 2001 pela Organização das Nações Unidas para a Educação – UNESCO - com 50 mil estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio, constatou que 34,8% deles tomavam bebidas alcoólicas, representando um contingente de 17,4 milhões de jovens.

A outra pesquisa foi realizada pelo psiquiatra Dartiu Xavier da Silveira, da Universidade Federal de São Paulo – Unifesp - com adolescentes paulistas entre 15 e 18 anos – constatando que 42% bebem até oito vezes por mês, 14% ingerem álcool entre 9 e 20 dias por mês e 9% são bebedores “pesados” (mais de 20 sessões mensais). Um terço dos adolescentes pesquisados disse ter começado a beber entre os 10 e os 12 anos.

Uma década atrás, a idade média da iniciação era 14 anos. Mesmo nessa faixa etária, o consumo em grandes quantidades já

²⁶ Ilana Pinski – Psicóloga, doutora em Psicologia médica pela Unifesp, Pós Doutora pelo *Robert Wood Johnson Medical School* – EUA, Coordenadora do Ambulatório de Adolescentes da UNIAD – Unidade de pesquisas de Álcool e Drogas – Unifesp.

²⁷ Marco Antônio Bessa – Psiquiatra, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR – Coordenador da Ala de Desintoxicação da Infância e da Adolescência, e supervisor da Residência em Psiquiatria da Clínica Heidelberg, em Curitiba, PR.

é considerado “normal” – deixou de ser excepcional para se tornar padrão. “A bebida não é vista como um perigo. Tanto que muitos jovens têm as primeiras experiências dentro de casa”, diz a psicóloga Fabiana Delbon, do Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes (PROAD), de São Paulo (VIEIRA; VELLOSO, 2002, p.51).

Justamente por este entendimento de que é na adolescência que se dá, normalmente o primeiro contato com as drogas, e a opção de usá-las ou não, é imprescindível compreendermos primeiro o que entendemos por adolescência. Segundo Baptista Neto e Osório:

...a adolescência é um complexo psicossocial, assentado em uma base biológica, cuja caracterização pode ser resumida nos seguintes itens:- redefinição da imagem corporal, expressa na perda do corpo infantil [...];- término do processo de separação/individuação e substituição do vínculo de dependência simbiótica com os pais da infância por relações pessoais de autonomia plena;- elaboração de lutos referentes à perda da condição infantil;- estabelecimento de uma escala de valores ou código de ética próprio;- busca de pautas de identificação no grupo de iguais;- estabelecimento de um padrão de luta ou fuga no relacionamento com a geração precedente;- aceitação tácita dos ritos de iniciação como condição de ingresso ao *status* adulto e emergência de funções ou papéis sexuais auto-outorgados (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p.36-37).

A adolescência, portanto, é uma fase de mudanças. Como diz Pinsky e Bessa a adolescência é uma “época de grandes transformações, de descobertas, de rupturas e de aprendizados” (PINSKY; BESSA, 2004, p.11), sendo considerada, como uma fase da vida que envolve riscos, medos, instabilidades que fazem parte de seu processo de amadurecimento.

As mudanças orgânicas e hormonais, típicas desta faixa etária, podem deixar os jovens agitados, agressivos, cheios de energia e disposição em um determinado momento. Mas, no momento seguinte, eles podem ser acometidos de sonolência, de tédio e de uma profunda insatisfação com seu próprio corpo, com a escola, com a família, com o mundo e com a própria vida (PINSKY; BESSA, 2004, p.11).

Nessa fase de mudanças é normal que muitos – ou a maioria - duvidem de verdades, questionem e se rebelem. Querem ser diferentes dos adultos e, ao

mesmo tempo, pertencer a um grupo. Assim, afirmam Pinsky e Bessa (2004), acabam por exprimir sua criatividade e energia nas roupas que vestem, nas gírias que falam, nas artes ou nos esportes.

Mas tamanha energia pode também ser desviada para atividades de risco ou lesivas ao seu próprio bem-estar. As drogas, particularmente, incluindo aí tanto substâncias ilícitas quanto lícitas, têm a perversa capacidade de desviar o curso de vida dos jovens, às vezes de modo irreversível (PINSKY; BESSA, 2004, p.11).

Segundo Noto²⁸ (2004) os adolescentes representam a população mais estudada em relação ao uso de drogas, sendo que o maior responsável pelas pesquisas no Brasil é o CEBRID. Além dos quatro levantamentos realizados com crianças e adolescentes em situação de rua e a ampla pesquisa realizada no ano de 2001 em 107 cidades brasileiras, o CEBRID fez também, nos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997, pesquisas sobre o uso de drogas com estudantes do Ensino Médio e Fundamental da rede pública de ensino, de dez capitais brasileiras.

Em todos os levantamentos, o álcool e o tabaco aparecem com papel de destaque, sendo, sem sombra de dúvidas, as drogas mais consumidas no Brasil – e as que provocam o maior número de conseqüências à saúde da população. No entanto em função da grande diferenciação social que é feita entre as drogas, principalmente a “permissão” legal para seu uso, a população quase não percebe o álcool e o tabaco como drogas psicotrópicas (NOTO, 2004, p.46).

Por outro lado, como bem coloca Bessa (2004), não se pode ter a visão simplista de que todo uso de drogas é maligno e que todos os adolescentes devem dizer *não* às drogas. Ou, que quando um jovem experimenta uma substância qualquer vai ficar dependente, colocando em risco a si próprio, a família e a sociedade. Mas, o autor mostra também um outro aspecto e aponta a outra visão simplista; a de que o uso de drogas é inofensivo ou que é uma decisão de foro íntimo, uma decisão exclusivamente pessoal.

²⁸ Ana Regina Noto é psicóloga, Mestre em Psicobiologia pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo e Doutora em Ciências pelo Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo. Atualmente é pesquisadora do CEBRID.

No sentido de demonstrar que a questão da relação entre drogas e juventude vai além dessas duas visões é que as pesquisas são tão importantes. São elas que vão dizer se um adolescente está experimentando uma droga como um momento de afirmação de valores, de contestação, de quebra de paradigmas familiares ou sociais, ou se está entrando em uma zona de “perigo” onde corre o risco real de se tornar um dependente ou desenvolver alguma co-morbidade²⁹.

Faz-se necessário compreender as etapas entre o início do uso, ou a experimentação até a dependência propriamente dita.

2.3 Uso, Abuso, Dependência e Experimentação

Existem diversas maneiras de se classificar o uso de drogas. Um jovem que faz uso social de drogas, ou seja, usa quando vai a festas, por exemplo, é classificado por uns como um usuário e por outros como um experimentador. Porém, entendemos ser importante nos basearmos no padrão de classificação do uso de drogas da Organização Mundial da Saúde que é o mais comumente usado nas pesquisas sobre o assunto e que segundo Maluf e Meyer (2002) e Scivoletto; Duarte (2004) pode assim ser delimitado:

Experimentação: uso ocasional ou não persistente, para satisfazer a curiosidade ou integrar-se a um grupo.

Uso: consumo moderado que não expõe o indivíduo ou o grupo a situações de risco para a sua saúde física ou psicológica e do qual advém problema social. Embora haja os que discordem, opinando que, no caso de droga ilícita, não seja possível esse padrão, devido as implicações legais relacionadas (SCIVOLETTO; DUARTE, 2004, p.53).

Abuso: situação em que o consumo causa danos à saúde física, psíquica ou social do indivíduo ou o expõe a riscos.

²⁹ Na psiquiatria, o termo co-morbidade foi utilizado pela primeira vez em 1970, em um artigo assinado por R. A. Feinstein, que assim a definiu: “co-morbidade é alguma entidade clínica adicional e distinta, que já existe ou ocorre durante o curso clínico de um paciente que tem a doença índice em estudo”. No caso das dependências químicas usa-se a expressão “adição dupla” para apontar a concomitância entre dependência de álcool e outras drogas (BESSA, 2004, p. 124).

Dependência: uso compulsivo, priorização do seu consumo em detrimento dos danos que causa e de outros interesses pessoais sociais ou profissionais (MALUF; MEYER, 2002, p. 23-24).

A OMS define a farmacodependência (dependência de drogas) como:

Um estado psíquico e às vezes igualmente físico, resultante da interação entre um organismo vivo e uma substância que se caracteriza por mudanças de comportamento e outras reações, compreendendo sempre um impulso para tomar a substância de modo contínuo, ou periódico, com o objetivo de reencontrar seus efeitos psíquicos e às vezes evitar o sofrimento de sua falta. Este estado pode ou não ser acompanhado de tolerância. Um mesmo indivíduo pode ser dependente de várias substâncias simultaneamente (LACKS, 1996, p.22).

Para o psiquiatra Dartiu Xavier Silveira Filho faz-se necessário reconhecer uma importante distinção na clínica: a diferença entre o usuário recreativo e o dependente de drogas.

Embora a fronteira entre estas duas categorias não seja nítida, alguns elementos não devem nos escapar nesta diferenciação: a grande maioria dos usuários de drogas não é e nunca vai ser dependente do produto; para os usuários recreativos, a droga é procurada, sobretudo como fonte de prazer, enquanto que, para o dependente, a droga é utilizada essencialmente como fuga de uma realidade insuportável; o dependente de drogas é um indivíduo para quem a droga passou a desempenhar um papel central na sua organização, ocupando lacunas importantes e se tornando assim indispensável ao funcionamento psíquico daquele indivíduo. Um dependente, ao contrário do usuário, não pode prescindir de sua droga (SILVEIRA FILHO, 1996, p. 8).

A fronteira entre experimentação e uso nem sempre é clara. Cada vez mais, estudos (MALUF, 2002; INEM; ACSELRAD, 1993; SILVEIRA, 1996) apontam o uso eventual, o chamado uso social de drogas como álcool ou maconha como parte de um processo de experimentação, de experiências de contato. Experiências estas que duram o tempo de um experimentar e conhecer e um optar pelo uso ou *não* uso.

A experimentação não segue padrões correspondentes nas classificações CID-10³⁰ e DSM-IV³¹, não sendo, portanto possível classificá-la segundo um padrão médico. Porém, neste trabalho, a experimentação tem um papel importante no sentido de que ela determina uma das possibilidades de contato dos jovens entrevistados; – as outras seriam as já descritas formas de uso.

O Dr. José Bertolote, renomado psiquiatra do corpo da OMS, descreve o uso experimental como *os primeiros poucos episódios de uso, extremamente infreqüentes ou não persistentes* (BERTOLOTE, 1997, p. 42). Ou seja, a experimentação, tão difícil de ser conceituada, remete-nos à idéia exata daquilo que nós leigos entendemos por ela: uso raro, esporádico, muitas vezes único – aqui no que se refere - às drogas.

Ao reverso do uso está o *não* uso, tema deste trabalho. O *não* usar drogas está relacionado com diversos fatores como pudemos verificar na nossa pesquisa e que trataremos no próximo capítulo no qual fazemos a discussão e a análise dos dados coletados.

³⁰ CID - Classificação Internacional de Doenças.

CAPÍTULO 3

REVERSO: o *não* uso de drogas

3.1 As trajetórias interpretadas

Era uma vez uma menina...

Quando eu era criança o mundo parecia que tinha uma outra dimensão...

Os meus pais são do interior, sabe?

Ah! Sei lá! O que eu posso falar? Sobre drogas? Posso começar a falar sobre drogas?...

Tantas são as possibilidades de se começar uma história. Com as entrevistas não foi diferente. Alguns começaram pelo começo, outros pelo fim. Alguns deram depoimentos absolutamente lineares, outros fizeram de seus relatos, riquezas caóticas. Para alguns revelar-se foi fácil e prazeroso, para outros, doloroso pela lembrança de algum passado esquecido.

Qualquer que tenha sido o começo, qualquer que tenha sido a forma, essas inúmeras horas em que pude ouvi-los, proporcionaram um material rico em informações que, comparadas, possibilitaram estabelecer algumas conclusões.

Os três itens seguintes referem-se às categorias apontadas por Sanches (2004) na pesquisa com jovens da periferia paulistana, quais sejam: família, educação e religião, analisados nas nossas entrevistas, sob nossa ótica. Os itens consecutivos trazem as categorias por nós inseridas: cultura; amizades; drogas lícitas X drogas ilícitas. O olhar a cada uma das trajetórias nos permitiu nos aprofundarmos no universo pessoal dos entrevistados, trazendo aqui o resultado desta análise.

³¹ DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.

Como primeira categoria de análise apontamos a Família, por ter sido, no nosso entendimento, o referencial de significados mais importante para nossos entrevistados.

3.1.1 FAMÍLIA: Referência de valores e Porto seguro

Na pesquisa de Sanches (2004) o respeito aos familiares, principalmente à figura materna, foi relatado por 63% do entrevistados. Assim como, a possível desmoralização dos pais frente à sociedade, por preconceito ao consumo de drogas, foi para aqueles jovens pesquisados, citado como fator relevante para o *não* uso. Podemos ressaltar ainda, que na referida pesquisa, a família foi o fator de proteção mais citado (78%), tanto pelo grupo de usuários, quanto pelo grupo de não usuários de drogas.

Na nossa pesquisa não foi diferente. Todos os entrevistados relataram que, no âmbito familiar, as relações, em sua maioria, eram relações de confiança uns nos outros. Valores morais e culturais de pais e avós foram destacados por vários dos entrevistados como fatores de proteção ao *não* uso de drogas. As referências familiares foram também fonte de segurança e auto valorização, preparando os jovens entrevistados para, muitas vezes, poderem dizer *não*, impondo limites nas suas relações com o mundo a sua volta.

Lúcia – 25 anos - *O que eu posso dizer da minha família é que **a gente tinha uma estrutura bem forte. A gente tava sempre junto. A minha mãe foi uma mãe maravilhosa. Ela sempre incentivou muito a gente estudar, sempre incentivou a gente a fazer todos os cursos que a gente quisesse. Ela não trabalhou fora, mas ela viveu pra gente. Ela levava em todos os lugares que precisasse, cuidava da gente direitinho. Orientava.***

A família é o agente primário³² da socialização de seus membros, concordamos com Charbonneau (1982), quando diz que a família faz parte do processo de formação da identidade social.

A família representa um espaço em que estariam presentificadas algumas das noções mais importantes na formação dos filhos, apresentando-se como uma mediadora entre indivíduo e sociedade; proporcionando a formação da primeira identidade social“ (CHARBONNEAU, 1982, p.54).

É a família que, em um primeiro momento, faz a mediação entre a criança e a sociedade.

A família é uma instituição antiga na história da sociedade e do indivíduo, sendo objeto de estudo em várias áreas da ciência (antropologia, sociologia, direito e, mais recentemente, psicologia). Passou por transformações significativas no decorrer do tempo e tem características dinâmicas nas diferentes culturas e fases do ciclo de vida familiar. [...] No senso comum, o senso de família está mais relacionado aos laços sangüíneos. O vínculo de sangue é um fator importante a considerar quando pensamos as relações familiares; no entanto, isoladamente, não caracteriza a família no seu sentido mais amplo. (SILVA, 1987, p.21).

Quando falamos de família, remetemo-nos aos diferentes arranjos familiares existentes hoje na sociedade brasileira. Segundo Miotto (1997, p.120) a família da contemporaneidade constitui-se como “um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos”.

Na presente pesquisa, o padrão das famílias estudadas, exceto por duas entrevistadas que eram filhas únicas e moravam somente com a mãe, foi o da família nuclear constituída de pai, mãe e filhos.

Assim como na pesquisa de Sanches (2004) na nossa pesquisa, a mãe foi apontada como modelo positivo, referência de valores, segurança e diálogo. 12 das mães dos 18 entrevistados trabalhavam fora e 10 delas tinham curso superior. O fato de elas terem estudado e terem uma vida profissional ativa, foi motivo de

³² O espaço familiar é onde acontecem os primeiros contatos da criança com a sociedade.

orgulho para eles. Especialmente para as mulheres entrevistadas, a mãe foi referência para a escolha de uma vida acadêmica e profissional ativa. Todos tinham clareza de que, apesar das mães estarem fora a maior parte do dia, podiam contar com elas sempre, e que elas estariam presentes quando precisassem.

Márcio – 27 anos – *Isso é um ponto importante, por que para mim até foi um fator determinante (para o não uso de drogas), **a minha mãe sempre foi super protetora** no sentido de sempre cuidar das minhas amizades, sempre teve isso, de conhecer as minhas amizades.*

Paulo – 21 anos – *Lá em casa também. Apesar de sermos em muitos irmãos, **a mãe sempre procurava dar uma atenção especial para cada um de nós.***

Linda – 18 anos – *Quando está com problemas: Ah! Sei lá! Eu choro, eu **falo com a minha mãe.** Teve uma época que eu andava deprimida, daí **ela** me levou na psicóloga.*

Hélio – 26 anos – ***Minha mãe tem uma maturidade, uma cabeça tão aberta** que eu até me espanto!*

Os avós também foram lembrados por muitos, especialmente no que se refere a valores culturais e espirituais. Em algumas das famílias os avós, por morte de um ou de outro, foram morar com os filhos, colaborando assim, para uma nova configuração e dinâmica familiar. Os entrevistados que tiveram sua dinâmica familiar assim modificada, sentiram-se contemplados com o fato, referindo-se aos avós sempre com muito carinho e citando-os como referências de valores. Eram os avós que em muitas vezes os levavam à escola, à missa, assim como, era na casa dos avós que muitos passavam as férias escolares e eram eles que contavam histórias e os consolavam em vários momentos. Podemos perceber isto

neste pequeno trecho da fala de Tatiana referindo-se à avó com orgulho, carinho, admiração e no final, quando fala que quer aprender a falar francês, a avó aparece como modelo.

Tatiana 25 anos - *Mas eu considero o primeiro contato com cultura mesmo, em si, a minha avó. Quando eu conheci a minha avó, foi assim, **minha avó foi costureira do Pierre Cardin. Ela me falava de Paris, me mostrava os livros, fotos da guerra. A minha avó fugiu da guerra no último avião. E ela tava lá, eles foram perseguidos, eles eram da burguesia, e, tal... Então ela sentava e contava, acho que eu ouvi essa história mais de trinta vezes na minha vida, mas toda vez que ela sentava e falava: “Vou te contar uma história...”**, eu sentava e ouvia. **Eu sou apaixonada pela minha avó! Ela tinha um prazer tão grande e um orgulho tão grande. Aí ela começou, isso é uma aquarela, isso é um quadro... Aí eu surtei! “Quero aprender Francês”**.*

Ainda, podemos destacar o cuidado dos pais com relação aos filhos. Os pais, em geral, mostraram-se protetivos pela ótica dos entrevistados que viam algumas restrições impostas e limites quanto às amizades e horários de retorno à casa, por exemplo, como atitudes corretas de cuidado e proteção. Alguns, inclusive, colocaram que se sentiam mais seguros desta maneira e, três entrevistadas, Eliane, Renata e Jeruza disseram pretender agir igualmente quando tiverem seus próprios filhos.

Sérgio – 19 anos - *A minha mãe... **Ela sempre me protegeu.***

Renata – 25 anos – *Meus pais queriam conhecer com quem que eu andava, isso foi importante para ganhar a confiança deles. **A mãe [...] sempre cuidando das nossas amizades.** Como a mãe sempre trabalhou em casa, eu é que ficava todos os dias com minhas amiguinhas lá em casa, pra fazer trabalho, brincar, estudar, sempre dentro do portão. **Fora do portão era só final de***

semana ou quando o pai ficava junto, fiscalizando, olhando. Então eu sempre tive aquela proteção, que é importante, eu acho que faria tudo igual, (risos).

*Jeruza – 26 anos – Meus pais não largavam do meu pé. Me levavam e buscavam nos lugares. Eles nunca me impediram de ir a lugar algum, mas eles cuidavam em buscar, cuidavam horários, essas coisas assim... **Eu acho que vou ser igualzinha com meus filhos.***

Comparando com as famílias dos entrevistados por Sanches (2004), percebemos que, em ambas as pesquisas, as famílias dos *não* usuários de drogas apresentam semelhanças quanto à presença orientadora e protetiva dos pais, os valores religiosos e culturais permeando o cotidiano dos mesmos, o incentivo ao estudo e a relação de carinho entre seus membros. Apesar das diferenças sócio-culturais e econômicas dos jovens pesquisados por Sanches (2004) e os nossos, nos parece pertinente falar que a família que tem como base o entendimento, o diálogo e o amor entre os seus, independente da conformação física das mesmas, constitui-se como um importante fator de proteção ao uso de drogas. Da mesma forma, os entrevistados que tinham um dependente químico na família, mostram maiores dificuldades em lidar com situações relativas à própria conduta frente ao uso de drogas, mostrando sentimentos ambíguos para fazerem escolhas com segurança.

Especialistas como Carazzai³³ (2002); Johnson (1992) e Marllat (1993), dizem que, quando há um dependente na família, esta se torna dependente também. Dos dezoito jovens entrevistados, seis tinham dependentes químicos na família. Cinco (Márcio, Paulo, João, Renata e Ana) tinham os avôs alcoólatras e uma (Lúcia) tinha o pai dependente químico de maconha, álcool e cocaína. O alcoolismo dos avôs de Márcio, Paulo e João, apesar destes não morarem na mesma casa que os entrevistados, foi referido como um fato marcante na infância dos mesmos.

³³ Luiz Renato Carazzai é médico psiquiatra, diretor da Clínica terapêutica de estudos e atendimento em dependências químicas, CPEADQ, em Curitiba, PR.

Márcio – 27 anos – [...] *está vivo ainda* (sobre o avô). **Ele era alcoólatra.** *Aí, há uns dez anos atrás, ele plantava milho e ninguém podia colher o milho, tinha que esperar secar o milho para ele pegar a palha e fazer cigarro de palha dele. Ele parou por causa do pulmão e há uns, nossa, eu tinha o quê? Mais ou menos uns 12 anos quando ele parou de beber. [...] Ele ficou internado em uma clínica para tratamento de alcoolismo, parou, e nunca mais bebeu. E olha que eu cansei de ir buscar bebida no bar para ele.*

João– 28 anos – *O meu avô..., quando ele bebia, na realidade eu não presenciava. Eu só levava a bebida e saía. Minha avó, acho que não deixava a gente ver...*

Podemos notar nos trechos das falas de João e Márcio que os dois quando eram crianças levavam as bebidas para os avôs. Hoje em dia este tipo de situação está proibida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei 8.069/1990 (ECA, 2002)³⁴. Outro artigo do ECA que funciona como um fator protetivo ao uso de drogas é o Art. 81 inciso III que diz que é proibida a venda à criança ou adolescente de bebidas alcoólicas.

A busca pela real efetivação das leis contempladas no ECA é um passo importante para a proteção ao uso de drogas. Não só pelas leis específicas que referem-se ao uso de drogas mas, porque contemplam a gama básica dos fatores de proteção. Quais sejam: toda criança tem direito: à Vida; à Saúde; à Liberdade; ao Respeito; à Dignidade; à Convivência Familiar e à Convivência Comunitária.

No caso de Lúcia, o direito a não conviver com substâncias entorpecentes lhe foi negado. A dependência do pai às drogas, afetou de maneira significativa a vida familiar. Lúcia e suas irmãs sabiam que o pai era usuário de drogas, mas os

³⁴ O Art. 19 dispõe: “Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes” (ECA, 2002, p. 28).

pais não sabiam que elas tinham conhecimento do fato. Tudo era feito às escondidas. O pai frequentou o Narcóticos Anônimos e a mãe buscou ajuda em um grupo de mútua ajuda para familiares e amigos de dependentes químicos. Porém, nenhum dos dois pensou que as filhas poderiam e/ou deveriam ser esclarecidas sobre o que estava acontecendo para, poderem juntos, lidar com o problema. *E assim, eu tinha uma mãe muito submissa, conivente, que me contava as coisas, mas não tomava uma atitude. Ela só me contava... e aquilo me dava uma angústia, uma sensação de impotência mesmo. Eu não podia fazer nada. Meu pai era a autoridade, eu não tinha abertura com ele pra conversar sobre isso.* Na sua narrativa, Lúcia traz, a todo o momento, o sentimento de ambigüidade, ora aprovando e ora rejeitando o uso de drogas feito por seu pai e, o efeito que isto causou na dinâmica de sua família.

Lúcia – 25 anos – ***Meu pai fumava maconha e eu sabia que aquilo era um tabu, algo que a gente não podia comentar, porque ele tava fazendo escondido. Minha mãe sabia. Ele fumava maconha quando ele tava regando planta, em momentos que ele estava dentro da casa mesmo, mas em lugares afastados, minha casa era muito grande...***

...Eu não associava a maconha a nada de negativo porque meu pai era maravilhoso, um herói pra mim, me dava tudo. Então eu achava tranqüilo, achava até... Nossa meu pai é descolado, sabe?...

De todos os entrevistados Lúcia foi a única que foi além da experimentação de drogas, experimentou maconha e cocaína, chegando a fazer uso abusivo de maconha pelo período de um ano. Dos rapazes, Márcio, que apesar da convivência com o avô alcoolista, não entende o álcool como droga (assunto que exploraremos na categoria “Drogas Lícitas X Drogas Ilícitas”), no nosso entendimento, vem utilizando o álcool de uma maneira que sugere que, em futuro próximo, a bebida possa começar a trazer prejuízos para ele.

Márcio - 27 anos – *Eu, por exemplo, eu uso bastante o álcool porque, pra você se distrair, pra sair com seus amigos para criar uma sociabilização, e principalmente no meu trabalho, é importante. Eu saio com um amigo de trabalho de uma outra área do banco é importante para você ter relacionamento, você não tem que bloquear isso, só tem que se controlar porque se você bloquear isso você acaba atrapalhando o seu desenvolvimento dentro de uma instituição.*

Sabe-se (CARAZZAI, 2002; JOHNSON, 1992; BOTVIN, 1999) que filhos e netos de dependentes químicos têm quatro vezes mais chances de desenvolver algum tipo de dependência em relação aos demais. Vimos na trajetória dos quatro entrevistados que tinham dependentes químicos na família, o quanto isto afetou as relações e a dinâmica familiar dos mesmos em comparação com as dos entrevistados que não apresentaram este tipo de situação.

O dependente químico está inserido em um contexto em que as relações das quais participa nem sempre são saudáveis. As pessoas que estão ao seu redor passam a viver em torno dele, deixando de viver suas vidas, para viverem a vida do dependente químico, em grau de codependência. A codependência é vista aqui como:

A incapacidade de manter e nutrir relacionamentos saudáveis com os outros e consigo mesmo. Nos relacionamentos não existe a discussão direta dos problemas, expressão aberta dos sentimentos, comunicação honesta e franca, expectativas realistas, individualidade, confiança nos outros e em si mesmo. (CoDA – Codependentes Anônimos, 2001, p. 2).

O codependente é considerado “uma pessoa que tem deixado o comportamento de outra pessoa afetá-la, e é obcecada em controlar o comportamento dessa outra pessoa” (BEATTIE, 1997, p. 49).

Percebemos aqui que as relações dependente/família assumem um movimento dialético de constante mudança, em que a codependência envolve a todos os atores, criando temporariamente uma atmosfera desfavorável à recuperação do dependente químico.

A família, apesar da diversidade cultural, social e afetiva, é o lugar onde as experiências são construídas, transformadas ou repetidas, dependendo da qualidade das interações. Nesse sentido, avaliar e tratar a dependência de drogas sob a perspectiva familiar implica em considerar os contextos familiares nos quais o usuário está inserido. (SILVA, 1987, p.22).

A família de um dependente não pode ser entendida somente como célula de apoio e cuidado, mas também deve ser olhada como eventual codependente, passível de, ela própria, libertar-se de padrões negativos na sua relação com o dependente químico. Neste sentido, é importante considerarmos que também os familiares merecem atenção terapêutica.

Segundo Silva:

O tratamento para dependentes de drogas deve ter a preocupação de não reforçar preconceitos, crenças moralistas e culpabilizações sobre o problema, comumente presentes no interior da família. Uma das metas do tratamento é a proposta de resgate da autonomia de cada um e da família, além do encorajamento para as mudanças. (op. cit., p.22).

No caso de Lúcia o pai procurou o Narcóticos Anônimos e a mãe procurou apoio no grupo de mútua ajuda, Al Anon³⁵, para tratar sua codependência e lidar com as relações familiares de forma mais saudável. Os grupos de mútua ajuda são de fundamental importância na recuperação do dependente químico especialmente na ajuda à prevenção da recaída. Podemos citar como referência principal os Alcoólicos Anônimos (AA) e Narcóticos Anônimos (NA), que baseiam-se em um intercâmbio de elementos da vida pessoal, contribuindo para uma maior interação entre os indivíduos, a partir de sua vida emocional.

Os grupos de mútua-ajuda denominados Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos, trazem na sua base a idéia central de que o bebedor/usuário de drogas, não é capaz de lutar sozinho contra sua dependência. Segundo Soares e Rohden (1994) estes grupos procuram funcionar sob a ótica de um modelo de encorajamento, amizade e sociabilidade fornecido pelas irmandades, ou seja, companheiros em recuperação da dependência química.

³⁵ Grupo de ajuda a familiares e amigos de alcoolistas.

Ambas as irmandades baseiam-se num programa de recuperação conhecido como Doze Passos. Entre estes passos, estão: a admissão de que existe um problema, a busca de ajuda, uma auto-avaliação, a partilha de experiências e confidências, o objetivo de reparar danos causados devido à dependência e, trabalhar com outros alcoólatras e/ou adictos a drogas que queiram se recuperar.

A dinâmica dos grupos consiste em reuniões periódicas, oportunidade em que o dependente em recuperação fala de suas aflições, conflitos e perdas causadas pela sua adicção, assim como sobre as mudanças ocorridas em sua vida após sua adesão ao grupo. A reunião é coordenada por um membro que segue regras preestabelecidas para sua condução. O encontro tem a duração de duas horas, iniciando e terminando com uma oração denominada “Oração da Serenidade³⁶”, que serve de estudo e guia para os dependentes em recuperação.

De todos os grupos que compõem a rede de assistência ao dependente químico o AA e o NA são apontados, com unanimidade (CAMPOS, 2001; SOARES; ROHDEN, 1994) como os que trazem resultados mais efetivos na manutenção da abstinência e conquista da sobriedade. Os membros de AA e Na encontram sua força de manterem-se abstêmios na identificação com os companheiros.

*Cada um aprende com as palavras do outro, revela um dos participantes. ‘No depoimento de cada recém-chegado, o veterano lembra-se dos tempos difíceis que já viveu. E o recém-chegado verá, nas palavras do veterano, como é melhor a vida com Deus, com Amor, sem drogas’. Um dos pontos práticos do programa é o ‘Evite’. É fundamental evitar a primeira dose (a volta ao uso), os antigos lugares e amigos que com ele consumiam. Outro é o famoso ‘**só por hoje**’: o dependente não deve dizer ‘nunca mais vou usar drogas’, porque nunca mais é um compromisso muito longo e difícil de conferir. Ele deve dizer ‘só por hoje eu não vou usar’. E, amanhã, repetir a promessa. (MANZANO FILHO, 1999, p.54).*

³⁶ “Deus, conceda-me a Serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar. Coragem para modificar aquelas que posso e Sabedoria para reconhecer a diferença” (Narcóticos Anônimos, 1993).

Os membros destes grupos são convidados a fazerem uma reformulação total de suas vidas, evitando pessoas, hábitos e lugares da ativa³⁷, podendo, desta maneira, efetivamente colaborar no processo de sua própria recuperação.

Muitos dependentes químicos conhecem os grupos de mútua-ajuda quando se encontram internados. Voluntários, ex-pacientes e a própria equipe institucional incentiva à freqüência a estes grupos. O avô de Márcio esteve internado³⁸ em uma clínica de recuperação para alcoolistas e, quando saiu de lá, não voltou a beber.

No caso de Ana, Renata, João e Paulo, a família lidou com o problema de alcoolismo de seus membros internamente, o que é também uma característica codependente de famílias em que há um dependente químico. Se anteriormente vimos que a família vive em função da doença do dependente químico, quando este entra em processo de recuperação, muitas vezes, os familiares não sabem como lidar com a nova situação, aumentando os conflitos ao invés de resolvê-los, como seria esperado, fortalecendo ainda mais os laços codependentes entre eles.

A liberação desses padrões de codependência, tanto por parte do dependente químico, quanto de seus familiares, configura-se num “verdadeiro contexto de aprendizagem de outra forma de viver, onde o Outro é o Outro e tem uma Outredade própria” (KALINA, 1991, p.36).

Considerando que “a beleza da recuperação encontra-se nas relações” (NAKKEN, 1996, p.147), e que é através das relações saudáveis “que os adictos são capazes de ultrapassar sua doença” (op. cit., p.147), aumenta mais ainda a responsabilidade da família no processo de recuperação e reinserção do dependente, pois é no espaço familiar que as pessoas aprendem a ser um ser de relações.

A família pode, neste momento, optar por freqüentar grupos de mútua-ajuda, como fez a mãe de Lúcia, específicos para familiares como o

³⁷ Termo usado pelos membros de AA e NA para designar o tempo em que faziam uso de álcool ou drogas.

³⁸ As instituições para tratamento da dependência química podem ser clínicas, hospitais ou fazendas, sendo responsáveis por atender ao dependente químico tanto na fase de internação para tratamento, quanto na fase de recuperação (pós-alta).

Codependentes Anônimos (CoDA), o grupo para familiares freqüentadores dos Alcoólicos Anônimos (Al-Anon) ou o grupo para familiares dos Narcóticos Anônimos (Naranon), entre outros.

Pudemos perceber também, que todos os entrevistados tiveram, na infância, pais presentes, apontando como a união familiar foi e é importante para eles. Ao falarem dos suportes afetivos e financeiros dos familiares, a família extrapolou as fronteiras do núcleo central, ampliando-se para o entendimento da família composta por tios, irmãos e primos, distantes ou próximos geograficamente.

Foram os familiares que ajudaram àqueles que viviam em pequenos municípios, dando o suporte financeiro para mudarem-se para cidades maiores, pagando moradia, alimentação e curso universitário. Assim como também, foram alguns parentes que já moravam em cidades grandes, que receberam àqueles que vieram do interior. A maioria dos entrevistados conta com esse suporte financeiro até hoje, se não integral, pelo menos parcialmente. Pereira³⁹ (2004), que pesquisou, para sua tese de doutorado, jovens de uma pequena comunidade rural em Nova Friburgo no Rio de Janeiro, fala em seu trabalho, como é em torno de cada família que vão se construindo as redes sociais e econômicas que virão delinear o campo de possibilidades de cada jovem.

[...] as condições socioeconômicas familiares são fundamentais para a realização dos projetos de vida dos jovens, principalmente porque em torno de cada família se estabelece uma rede de relações sociais e econômicas que pode vir a garantir o sucesso esperado. Assim, para além da solidariedade familiar que a mantém como espaço íntimo de afeto, outros fatores também contribuem para a realização dos projetos de vida dos jovens, como o capital social e financeiro existente em cada uma delas e que formam o campo de possibilidades de cada jovem (PEREIRA, 2004, p.11).

Assim como nos contou Maurício que, na família dele, uns sempre ajudam os outros, tanto financeiramente quanto emocionalmente.

³⁹ Jorge Luis Góes Pereira - Mestre e Doutor em Sociedade e Agricultura, Professor do Centro Universitário de Caratinga/MG e da Universidade Estácio de Sá/RJ.

Maurício– 22 anos – **Já tá meio que colocado no nosso DNA** (o fato de ajudarem-se uns aos outros). *É lá em casa que a gente vê, o meu primo vai casar agora, então, pô, a gente tá ajudando ele de alguma forma. Fulano, meu primo, foi para Londres, a gente também deu uma força para ele (ajuda financeira) de alguma jeito a gente foi ajudando. Então, tudo que vai acontecendo ali dentro de casa... a gente tenta ajudar.*

Concordamos com Pereira (2004) quando aponta a família como uma organização social complexa, um microcosmo da sociedade, onde são vividas as relações primárias e se constroem os processos identificatórios. É na família que se expressam papéis sociais de gênero, cultura de classe e onde se reproduzem as bases do poder. É um espaço fundamental para a realização dos indivíduos e formação de novas gerações. Também é no espaço familiar que encontramos relações conflituosas e discussões em torno de decisões que devem ser tomadas em relação ao futuro dos filhos. É uma instituição dinâmica capaz de responder a processos de mudanças mais amplos e variados.

[...] as mudanças que vêm ocorrendo na família contemporânea podem levar à ressemantização ou à transformação de antigos papéis assumidos pelos diferentes sujeitos na família, assim como direcionar e possibilitar a realização dos projetos individuais (PEREIRA, 2004, p.16).

Essa ressemantização da qual nos fala Pereira (2004), pode ser percebida algumas vezes nas trajetórias dos entrevistados. Elisa, por exemplo, nos contou que foi muito difícil, a aceitação por parte de seu pai, de sua saída de uma pequena cidade do interior de São Paulo para estudar em uma grande cidade no Paraná. Porém, quando a mudança já estava consolidada com sucesso, o pai incentivou o irmão a fazer o mesmo, exemplo que foi seguido por outras famílias da cidade. Tatiana, que é filha única e foi cuidada pela mãe, hoje cuida da mesma, não financeiramente, mas buscando incutir na mãe novos valores da sociedade contemporânea como incentiva-la a fazer plástica e namorar, por exemplo.

A família, por tudo que vimos na nossa investigação, foi, assim como na pesquisa de Sanches (2004) o fator principal para o não uso de drogas para os jovens aqui estudados. *É interessante essa questão de valores, tem muito a ver também com o uso ou não de drogas. São princípios que a família passa, como foi passado para mim. Pelo fato também de ter esse respaldo econômico, de sempre precisar de alguma coisa e ter. Pelo lado da minha mãe, dos meus avós, eu sempre tive esse apoio muito grande, tem esse lado econômico e tem diferenciado o meu lado de ideologia de querer e chegar lá como eu consegui chegar. Então, isso traz uma tradição muito grande na família, um exemplo.*

A percepção da relevância da família foi revelada pelas trajetórias dos entrevistados que priorizaram a infância em seus relatos, e a forte influência familiar nas escolhas por carreira, estilo de vida, visão de mundo, educação e religião. *A infância é bastante importante porque traz muitos valores para o presente. Eu me lembro de muitas coisas. Eu estudava na Escola (...) e muitos valores foram passados, alguns flashes de imagens ainda me vêm na cabeça, importante isso.*

Cabe ressaltar, porém, que apesar de sentirmos a influência familiar nos jovens entrevistados, os mesmos sentem-se livres para fazerem suas escolhas, cabendo aos pais e avós o papel de aconselhadores e modelos nos quais se espelharam.

Outro aspecto que a pesquisa mostrou como relevante é o das relações horizontais. A amizade entre irmãos e primos e as amizades com colegas e vizinhos apareceram como influências importantes para os entrevistados e que, aqui destacaremos no próximo item.

3.1.1.1 AMIZADES: diga-me com quem andas e eu te direi quem és...

A maioria dos entrevistados relatou ter amizades desde o tempo da infância e as consideram fundamentais para suporte emocional nas horas difíceis, e também como companhias para momentos alegres. *O que me seguiu um pouco foi esse lado que a imagem cognitiva que sua mãe te passa. Do tipo: aquele cara lá*

cuidado com ele. Essa repreensão em relação aos amigos, tipo: aquele cara não vá na dele porque ele está errado. Tem aquele ditado, “diga-me com quem tu andas que te direi quem tu és”.

As amizades foram, em muitos momentos na trajetória dos entrevistados, de fundamental importância para a escolha dos valores que adotaram para suas vidas. Alguns deles que vieram de cidades do interior para Curitiba, o que tornou o contato com a família limitado, fizeram dos amigos o “seu porto seguro”, dividindo desde o espaço de moradia bem como seus sentimentos e emoções.

Elisa – 25 anos – ***A pessoa sabe que é minha amiga, não precisa estar em manutenção, não preciso mandar todo dia um e-mail.***

Tatiana – 25 anos – *Até hoje eu sou assim, tenho poucos amigos, mas aquelas pessoas que me ligam sabem que é a hora que precisar! **Mas eu sei se tá com dor, eu sei reconhecer pela voz que tá com dor.** Eu sei se não tá legal, eu sei absolutamente tudo!*

João– 28 – [...] *eu gosto de muitas pessoas, de muitos movimentos, só que **algumas primas da minha mãe são muito presentes, muito queridas.** Eu também encontro bastante o pessoal da igreja. O Márcio é um exemplo vivo. **Eu tenho um grupo de amigos que nossa!***

Por este estudo ter sido feito pelo processo de seleção de amostra chamado “Bola de Neve”, os entrevistados, nas três cadeias estabelecidas, eram amigos, ou ao menos conhecidos, entre si. Alguns dos entrevistados vieram de municípios pequenos do interior de São Paulo, Santa Catarina e Paraná, para se encontrarem em Curitiba. Esse movimento de mudança de cidades pequenas, algumas, inclusive, de tradição rural, trouxe também muitas mudanças em relação ao universo de amizades tendo havido trocas culturais intensas entre eles.

Os jovens pesquisados procuraram manter aquilo que consideram valioso em sua criação, buscando unir o que existe de positivo em ambos os espaços: no

campo, as relações familiares de segurança e solidariedade, de amizade e de tranquilidade; na cidade, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho e de boa escolarização. Foi o repensar constante do entrevistado em interação com diferentes espaços sociais, econômicos e políticos que trouxe novos sentidos para suas identidades sociais. Seus projetos de vida passaram então, a ser expressão desse campo de possibilidades que aparece para além das fronteiras entre campo e cidade, tema que aprofundaremos na categoria Cultura.

Lúcia e Márcio tiveram experiências de ter entre suas amizades, aqueles que faziam uso de drogas ilícitas. Lúcia optou, na adolescência, em fazer suas experimentações com colegas de escola e vizinhança e, mais tarde, já na universidade, também foi com os amigos que Lúcia passou a ser uma usuária freqüente de maconha. Já Márcio viveu o inverso. Quando descobriu que um amigo seu estava fazendo uso de drogas, apesar do afeto que sentia por este, optou por distanciar-se, encontrando novas amizades dentro do reduto da igreja a qual freqüentava.

Márcio – 27 anos - *Mas **eu tive um amigo** meu que freqüentava a minha casa e **que acabou se viciando** de um jeito assim que a gente até acabou nossa amizade. Não por causa disso. A gente acabou por que **nossas vidas tomaram um rumo diferente**. Então eu comecei a me envolver mais com o trabalho na igreja, comecei a namorar...*

As amizades, dentro ou fora do reduto familiar, foram apontadas como um fator de proteção ao não uso de drogas. Lá *tem muitas amizades* (referindo-se à universidade). Lá *tem boas pessoas e más pessoas*. Então, eu acho que nesse convívio entra a questão da auto-afirmação. Então, é um negócio de auto-afirmação, assim, estar entre os amigos e tudo mais. Os entrevistados mostraram valorizar a opinião de seus amigos e muitas vezes, deixaram a entender que a escolha pelo não uso foi feita de maneira coletiva.

Outra categoria por nós investigada foi a do estudo. Este teve papel fundamental para os entrevistados. A educação foi por eles muito valorizada e,

destacaram a importância de uma boa formação para a inserção no mercado de trabalho.

3. 1. 2 ESTUDO: a importância da inserção no Mercado de trabalho

A pesquisa de Sanches (2004), referência e ponto de partida para nossa pesquisa, comprovou uma desistência escolar de 37% entre os não usuários de drogas. Na nossa investigação, ao contrário, os jovens entrevistados tinham estudado em escolas particulares, ou se não, estudaram, por motivos geográficos e não financeiros, em boas escolas públicas; haviam concluído o 2º Grau, sendo que 9 estavam cursando alguma universidade e 7 estavam fazendo Mestrado. Todos os entrevistados referiram-se aos estudos como prioridade em suas vidas, demonstrando muita preocupação com a futura inserção no mercado de trabalho.

Na pesquisa de Sanches (2004), podemos observar que os jovens por ela pesquisados, por serem de classe baixa, não tiveram a oportunidade de uma boa formação educacional, mostrando que a lei⁴⁰ que está no papel, salvo raras exceções, está longe de ser cumprida. Na prática, quando se trata de formação pública. Aqueles jovens alegaram como motivo principal para abandono do estudo ter que privilegiar o trabalho, a sobrevivência, apontando como muito difícil conciliar as duas coisas. Ou se estuda, ou se trabalha.

Na presente pesquisa, ao contrário, vimos que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional se aplica integralmente aos nossos jovens entrevistados. Oriundos de uma Educação Básica em boas escolas foram contemplados, desde cedo com vários dos princípios determinados pelo Art. 3º da LDB, quais sejam: liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas; respeito à

⁴⁰ No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB n.º 9394/1996 (LDB, 1998), determina no Art. 1º § 2º que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. E, no Art. 2º, *caput*, que a educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

liberdade e apreço à tolerância; garantia de padrão de qualidade; valorização da experiência extra-escolar, entre outros.

Na nossa pesquisa vimos que o padrão de ensino formal vivenciado por nossos entrevistados somado às atividades extra-escolares e à educação informal recebida em casa, permitiram a estes, inserção no mercado de trabalho e acesso à universidade. Para aqueles que ainda não ingressaram nem em um nem em outro, pela pouca idade, a boa educação fortificou a crença e a segurança de que em futuro próximo terão as mesmas oportunidades dos outros entrevistados. Ou seja, estes jovens não têm dúvidas de que irão cursar uma universidade que proporcionará a sua inclusão no mercado de trabalho. É importante observar também que, dos nossos entrevistados que trabalham ou que já trabalharam, este fato se dá ou se deu, não tanto por necessidades financeiras, mas por objetivos profissionais.

Dos sete entrevistados que estavam cursando Mestrado, destaco a trajetória educacional de Renata que ilustra a “necessidade premente” de fazer muitos cursos para conseguir uma boa colocação no mercado de trabalho depois. Com apenas vinte e cinco anos de idade, Renata já tem formação de técnica em desenho industrial, uma graduação em Publicidade e Propaganda e outra em Artes gráficas, Pós-Graduação em Marketing e atualmente cursa Mestrado em Administração. Esse tipo de experiência não foi exclusividade dela, outros também mostraram preocupação com a formação profissional e capacitação para fazer a diferença.

O reduto escolar e/ou universitário, mostrou ser o ambiente onde os entrevistados tiveram os principais contatos com drogas ilícitas (com drogas lícitas foi no ambiente familiar). Especialmente nas universidades, os jovens tiveram a oportunidade de experimentar drogas ou não.

Também foi no reduto escolar que alguns desses jovens tiveram palestras informativas a respeito do assunto. Para alguns deles, como podemos observar nas palavras de Linda, estas tiveram importância para fazer a escolha pelo *não* uso de drogas.

Linda – 18 anos – **Eles** (nos EUA) **tinham muitos programas antidrogas**. Quase todo mês apresentavam o ‘Entire Drug Program⁴¹’... dai era uma “luzinha” que era o DARE⁴². [...] Eles viviam dizendo: “Se você ver alguém usando drogas, avisa, mas não precisa se meter, mas avisa alguém”. Você deve chamar um professor, ou converse com a pessoa, tente, sei lá. **Aqui na minha escola** (Curitiba PR) até o primeiro ano do ensino médio, **ninguém falava de drogas, era como se não existisse**. Eles falavam que era ruim, mas não tinha um programa específico, direcionado, e **eu acho bom ter um programa que trabalhe desde o começo**.

Informações, não só sobre o assunto drogas, teve sempre muita importância. Os entrevistados estudaram em boas escolas, tinham acesso e incentivo à leitura. Três deles citaram ter biblioteca em casa.

Tatiana – 25 anos - *Eu sou filha única. Filho único se mata de ler! Eu vencia qualquer competição de leitura que tinha no colégio. **Eu lia absolutamente tudo o que caía na minha mão**. Principalmente aquela coleção “vaga-lume” de histórias. Eu lembro que eu lia, mas eu não lembro muito das histórias. **Eu lembro que eu lia muito Machado de Assis, que era da coleção do meu avô**.*

Elisa – 25 anos - *Ela (referindo-se à mãe) sempre incentivou muito. Desde pequenininha, ela sempre **comprava um monte de gibis pra gente, lia história pra gente dormir**. Essa parte cultural veio mais dela mesmo, tanto pra mim quanto pro meu irmão. Eu sempre comecei muito cedo, sempre incentivava: **Lê! Lê! A gente tinha uma biblioteca em casa, uma bibliotecazinha. Uma estantizinha com livros que a gente chamava de biblioteca**. E sempre tinha livros lá. Numa dessas, não tinha nada pra fazer à noite, pegava um livro e lia. **Comecei justo com Machado de Assis**.*

⁴¹ Programa completo sobre drogas.

⁴² Dare – Desafio em Inglês.

Helena - 20 anos – *Os meus pais fizeram questão, sabe? **Que eu e meus irmãos tivéssemos uma boa formação.** Então, a gente sempre estudou na melhor escola da região [...]. Lá era método Montessori e a gente aprendia Inglês também, desde pequenininha, porque tinha muitos estrangeiros que estudavam lá.*

Não só dos pais vinha a preocupação com a boa formação. Os próprios jovens também demonstraram, em algum momento, o interesse em governarem e fazerem suas próprias escolhas quanto ao que queriam em relação às suas vidas escolares e acadêmicas, como demonstra Tatiana em sua fala.

Tatiana – 25 anos – *Em Foz do Iguaçu, infelizmente o sistema público era péssimo. Então eu estudei em colégio de freira, [...]. Chegando na 5ª série **achei muito pequeno o colégio aí eu fui para um colégio grande.** [...] **que era um colégio aonde vinha filho de engenheiro americano, alemão, então era um colégio mais puxado também.** Aí eu fui pra lá. Pegava um ônibus que atravessava a cidade. **Eu morava extremamente longe, mas eu achei que valia a pena. Colégio de freira eu achei muito opressor.***

A análise das falas referentes a esta categoria nos permitiu inferir que a formação intelectual, vinda do estudo formal das escolas ou, do estudo informal na própria casa, faz da educação um fator de proteção importante para o *não* uso de drogas. A leitura e o acúmulo de conhecimentos permitiram que os horizontes das então crianças, naquela época, se ampliassem. Outrossim, fez com que buscassem cada vez conhecer mais. Quanto mais informados, mais ricos foram seus discursos. *Viajei dois meses nos Estados Unidos, Canadá. Eu lembro que na época eu só falava francês. Essa foi minha salvação, porque no Canadá eu ainda conseguia me virar. Então desde muito cedo, a gente ia muito pro Chile. Meu pai gostava, Chile, Argentina, Uruguai, a gente ficava passeando. Desde pequenininha, culturas diferentes. Meu pai é doutor em química.* Mais consciência mostraram acerca de seus processos, mais fortalecidos indicaram ser frente a suas escolhas pessoais, visão de mundo e postura frente a desafios. Escolhas

estas, que refletiram também, no campo da espiritualidade. Tema que trataremos no item a seguir.

3.1.3 ESPIRITUALIDADE: crenças, descobertas, fé

Na pesquisa de Sanches (2004) a religiosidade aparece como fator protetor ao uso de drogas. A religião é o segundo fator dos citados para o *não* uso de drogas. Apoiados em Maluf e Meyer (2002) podemos dizer que na pesquisa de Sanches a religiosidade aparece como fator preventivo primário, ou seja, entendendo como prevenção primária evitar que a pessoa experimente drogas ou adie essa experimentação. Quando se retarda o início do uso, ganha-se tempo para o amadurecimento de uma criança ou de um jovem. Assim, estes gradativamente vão se tornando mais responsáveis pelos seus atos, com melhores condições de avaliá-los, o que pode diminuir o risco de se tornarem usuários ou dependentes de drogas mais tarde.

Ainda referindo-nos à pesquisa de Sanches, esta verificou que os jovens pesquisados tinham a ida à Igreja ou Templos para seus cultos religiosos como uma prática que os afastava do uso de drogas, proporcionando consciência e reflexão sobre o que era melhor para eles. A religião dos pais era seguida e, de 52 entrevistados, somente três jovens não usuários de drogas, demonstraram interesse por outras crenças ou modos de conexão espiritual, os quais Sanches chama de “sincréticos”.

Na nossa pesquisa a espiritualidade aparece de forma diferente. Vários dos entrevistados disseram fazer uso de métodos espirituais não necessariamente ligados a ida à Igreja ou o pertencimento a uma religião para se sentirem em contato com Deus, ou alguma outra forma de Poder Superior. Buscaram, na espiritualidade, um caminho para o auto-conhecimento ou a busca por conforto em momentos de dificuldades. A maioria dos entrevistados não seguiu a religião dos pais (quase unanimemente católicos). Tiveram liberdade para escolherem o caminho espiritual de suas preferências, quais foram: Catolicismo, Budismo,

Daime, Espiritismo, Reiki e Mahikari e que estão descritas, de forma resumida, no Anexo 4.

Ana – 24 anos – *Muito raro eu ia na missa, era mais na escola. E meu pai acredita muito na religião católica. Minha mãe é católica da renovação carismática. Mas é aquele católico bem brasileiro, aquela coisa assim que nunca vai na missa, só vai quando precisa, que também vai no Budismo, que também vai na Umbanda, mas a base é a católica.*

Flávia 19 anos – *Todos nós fomos batizados. Católicos. Mas só isso. Porque meu pai nunca obrigou a gente a fazer catequese, essas coisas. Meus irmãos até começaram a fazer catequese, mas reprovaram por falta* (risos). *Meu pai falou que ele foi obrigado a fazer catequese tudo certinho, só que ele não via uma razão para aquilo. Então, quando a gente foi fazer, ele não obrigou a gente, tanto que pra ele não adiantou nada.*

A minha mãe... faz pouco tempo, faz uns oito anos mais ou menos ela está participando de uma religião, Mahikari, que trabalha a imposição das mãos. Eles transmitem a luz através da imposição das mãos. Eu ate cheguei a fazer o seminário que prepara pra poder passar essa luz através das mãos, mas desisti.

Marília – 18 anos – *Eles são católicos, mas não praticantes. Alguns até gostam mais assim, tipo, meu avô, minhas tias, eles gostam. A minha mãe não acredita muito em Deus, essas coisas... Ela é científica, não consegue perceber a concepção... Tipo, eu acredito em Deus, mas eu não sigo uma religião. Eu pego as religiões, junto tudo e faço a minha. Eu junto o que eu gosto de cada uma que eu acho correto, os pensamentos...*

As experiências religiosas relatadas pelos entrevistados aproximam-se mais do entendimento dos orientais sobre o que seja espiritualidade. Segundo Osho⁴³,

A religião significa a circunferência, as bordas, e a espiritualidade, o centro. Uma religião possui um pouco de espiritualidade, mas apenas um pouco: um vago fulgor, algo como as estrelas ou a lua cheia se refletindo no lago. A espiritualidade é o que há de verdadeiro, a religiosidade é apenas um subproduto (OSHO, 2004, p.70).

Neste sentido, segue Marília: ***Eu gosto das reflexões que eles fazem. O budismo tem muito disso. Pega uma experiência e faz você refletir. Tem frase, tipo frase feita que diz assim, ensinam coisas, ajuda você a entender melhor o mundo, as pessoas.***

A maioria, como já dissemos, seguiu essa linha, mas, também encontramos, na nossa pesquisa, três católicos atuantes, João, Renata e Helena. Renata e João são catequistas e Renata ainda é responsável pela edição do jornal da igreja, pertencem ao mesmo círculo de amizades, e responsabilizam a sua fé pelos confortos espirituais que recebem quando enfrentam situações difíceis.

João - 28 anos – ***Que dali (da Igreja) eu também tenho muitas amizades, eu também conquistei muitas amizades lá. E algumas são da época de colégio também. Todos acabavam participando ou dando catequese juntos, tinha um grupo de jovens.***

Helena - 20 anos – ***Acho importante não ter preconceito de uma outra religião... Que é uma coisa assim... Eu procuro ler bastante e ler bastante sobre budismo. Então, sou bem cabeça aberta para isso. Sou uma católica convicta, sou. Adoro minha religião, amo de paixão. Luto por ela, tudo, mas sou aberta.***

⁴³ Osho foi um dos mais influentes líderes espirituais do século vinte. Orador brilhante e polêmico, ele inspirou milhares de pessoas de todas as idades, países e formações religiosas com seus ensinamentos.

Luiz Fernando – 27 anos – *Em momentos de desespero e de angústia é bom você ter uma ideologia por trás que te segure, porque senão complica mesmo, isso não tenha dúvidas.*

Se por uns o catolicismo dos pais foi seguido, por outros, foi questionado. Como falamos na categoria Educação, quanto mais conhecimento, mais críticos e com confiança em seus questionamentos, esses jovens se tornavam. Para Baptista Neto e Osório (2002) o desinteresse dos jovens em geral pelas práticas religiosas correntes na geração anterior, é notória. Assim como também destacam ser marcante a atração de muitos deles pelas religiões orientais, contrariando o desejo dos pais para seguissem as religiões tradicionais de nossa cultura. Apesar de não podermos generalizar, é interessante observar que entre os jovens da periferia paulistana pesquisados por Sanches (2004), não usuários de drogas, a maioria seguiu a religião dos pais, basicamente católicos e evangélicos. No nosso estudo a maioria buscou caminhos espirituais alternativos. Os autores fazem uma relação dessas buscas por religiões diferentes das dos pais com o uso de drogas:

Pensamos que estas tendências terão explicação análoga à do porquê os jovens usam drogas diferentes das que empregam seus pais: assim poderíamos explicar a atração dos adolescentes pelas religiões orientais como decorrente do desejo de adotar crenças diferentes das de seus pais – dentro do padrão de contestação com que jovens pautam sua relação com a geração precedente na busca de afirmação de sua identidade – mas obedece a necessidades místicas equivalentes a de seus genitores (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p. 161).

No caso de Elisa, pensamos ser importante colocar o trecho inteiro, apesar de extenso, sobre sua crítica à religião católica, por entendermos que o conteúdo é importante para a compreensão do seu entendimento sobre a religião escolhida pelos pais. Cabe ressaltar que este não é um pensamento exclusivo desta entrevistada, mas sim, reflete uma crítica que aparece em outros depoimentos. Mesmo aqueles que são católicos, distanciam-se em alguns momentos e percebem algumas incoerências no discurso geral da igreja.

Elisa 25 anos – **Eu sou católica, mas, mais quando criança.** Eu freqüentei mesmo a igreja quando meu avô faleceu, **daí minha avó veio morar com a gente, pegava eu e meu irmão e levava pra igreja.** Aí que eu fui fazer primeira comunhão. Eu tinha oito anos na época. **Aí que eu comecei a ir mesmo pra igreja. Todo os domingos.** Até os quinze anos, fazia parte do grupo de jovens, ia mesmo. Cidade do interior você tem que ir pra missa e se encontrar na praça. **Fazia grupo de jovens. Cheguei a cantar na igreja.** Coisas assim. **Aí eu fui me distanciando. Agora acho que faz uns dois anos que eu não vou numa igreja.** Eu chego, eu olho, me desculpe a expressão, mas **quem é esse padre que vai dar sermão, se ele mesmo já fez muita merda? Digamos assim, a igreja pra mim perdeu toda a credibilidade.** Você vai para um lugar que tem que dar dinheiro, tudo bem que é pra ajudar, mas... ajuda de outro jeito. **Eu peguei, sabe, naquela época que eu comecei a ler livros, eu peguei o “Crime do Padre Amaro”.** Nossa, mas será que isso acontece? **E uma semana depois eu tava ouvindo no rádio que o padre tava largando a batina porque tinha uma filha de sete anos. Ah! Obrigada por responder!** Então, eu me considero católica porque fui criada dentro disso. São as coisas que eu respeito, são as coisas que eu... **Eu acredito em Deus, acredito em Jesus, acredito em Maria, acredito nos Anjos, mas...** Eu simplesmente parei. Eu achava muito bonito o sermão... **Os cantos gregorianos.** Mas o fato de você ir pra igreja, de assistir uma missa, **o papa falando: “Não use camisinha!” Pelo amor de Deus, o mundo morrendo de AIDS e o papa falando pra não usar camisinha!** Eu acredito também, não que eu acredito, mas **eu acendo um incenso de vez em quando,** quando eu não estou bem, aquela coisa de sentir um cheiro gostoso. É na hora de tomar um banho um pouco mais relaxante, eu acredito muito nessas coisas também, de você trabalhar o corpo. Colocar uma música gostosa, colocar uma meia luz, um cheirinho agradável, poxa! **Quer coisa melhor? Sabe, é o fato de, vamos conversar com Deus, tipo: Oh Deus, obrigada! Ou: “Seja bonzinho comigo, não tive um dia muito bom”.** De pedir: **“por favor, me ajuda!”** Não sei se é o caso, mas eu tenho uma coisa muito forte com o meu avô. Meu avô morreu

*eu tinha oito anos de idade. **Brinco que eu tenho meu avô como se fosse um anjo da guarda.** Então na escola às vezes tinha acontecido alguma coisa eu: “vô me ajuda!” Eu tinha de pedir pro meu vô, de conversar com meu vô. Eu acho que eu tenho isso até hoje. De, [perguntar para o avô]: como é que o Sr. tá?*

Na fala de Elisa, pudemos perceber como foi que se deu seu processo de amadurecimento espiritual. É interessante notar como os rituais de conexão com Deus e seres superiores (nas palavras dela) foram mudando ao longo do tempo. No início, esses rituais, eram sempre associados à igreja, hoje em dia, até um banho relaxante, acender um incenso ou uma vela, é considerado por ela um ritual de conexão espiritual.

Outra fala que traduz o ecletismo de nossos entrevistados é a fala de Tatiana, que, desde de pequena, vem experimentando diversas formas de desenvolvimento espiritual.

Tatiana 25 anos – ***Eu freqüento de vez em quando*** (Centro espírita), ***é uma coisa mais autodidata, livros... Eu na verdade sou partidária de qualquer religião, de qualquer filosofia de vida [...], seja Budista, seja... Fui criada católica, mas o Kardecismo me chamou depois. ...Até tentaram no começo, eu fiz catequese, fiz tudo. Minha mãe hoje em dia tá mais pra Kardecista. Aos 12 anos eu me formei num seminário Budista. Aí depois eu larguei. Era uma religião japonesa que trabalhava com imposição de mãos. Muito parecido com Reiki, chama Mahikari. Muito parecido com o Reiki, só que aí depois eu comecei achar falhas. Eu parto do princípio que, eu sou Kardecista, mas eu não engulo tudo que eles falam. Muita coisa eu passo pelo meu filtro. E eu comecei a achar falhas, achar motivo comercial, uma série de coisas na Mahikari e eu pensei: “eu preciso mais que imposição de mãos, eu preciso de uma filosofia de vida, que me ensine, que fale, que converse...” Eu cresci no catolicismo. Eu não acho que ampare muito você nas horas de entender as coisas, do porquê as coisas estão dando errado pra você. Eu acho que independentemente da religião, isso faz uma diferença sim. Bem grande entendeu. Independente do tipo de apoio, seja***

*suporte, seja uma família legal. **Eu acho que é um dos pilares em que você tem que se apoiar.***

A raiz da palavra religião é *religare*, diz Osho (2004). *Religare* significa “ligar novamente”, “reunir”. Reunir-se a si mesmo, à fonte do seu ser.

Este é o sentido de religião: reunir-se, recordar. A palavra recordar também é bela. Significa “trazer de volta ao coração”, tornar-se parte da fonte novamente, ir até a fonte e aproxima-la de seu coração... A religião não diz respeito aos outros. É sobre você, está completamente relacionada a você. Religião é algo pessoal, e não social. É quando você se encontra tão sozinho que não há ninguém mais a ser encontrado. Dessa solidão total e pura nasce o êxtase supremo (OSHO, 2004, p.155-156).

Nesta busca, através de práticas espirituais, para reencontrar-se, Lúcia percorreu diversos caminhos, Catolicismo, Budismo, Espiritismo, mas, é no mínimo curioso pensar que, de todos os entrevistados, a única que teve experiências de uso de drogas ilícitas encontrou uma aproximação maior com a Doutrina do Santo Daime. O Daime, apesar de ser uma bebida alucinógena feita de duas plantas, foi analisado e liberado judicialmente em 1984, através do CONFEN - *Conselho Federal de Entorpecentes*, Órgão do Ministério da Justiça encarregado de planejar e gerir a política governamental sobre o uso de drogas e fármacos. Na ocasião, foi criada uma *Comissão de Trabalho* para estudar especificamente a questão do uso ritual da ahyuasca. Ao longo de 1985 e 1986, este grupo realizou diversas visitas às comunidades usuárias, onde confirmou os pareceres positivos de comissões que haviam analisado os rituais do Santo Daime anteriormente.

Foram constatados por esta comissão do CONFEN um elevado grau de organização social, solidariedade, coesão e capacidade de trabalho da comunidade Céu do Mapiá (Sede principal da doutrina do Santo Daime no Brasil). Os indicadores de qualidade de vida lá encontrados (ausência de alcoolismo, desnutrição crônica, mortalidade infantil e delinqüência quase zero, ausência de violência, padrões dignos de moradia, alimentação e trabalho) levaram o *Grupo de Trabalho do CONFEN* a concluir, em 1987 que:

os rituais religiosos realizados com a bebida sacramental Santo Daime - Ahyuasca não traziam prejuízos à vida social e sim, contribuíam para a sua maior integração, sendo notório os benefícios testemunhados pelos membros dos grupos religiosos usuários (DAIME, 2006, p. 2).

O resultado das pesquisas farmacológicas e psico-sociais junto às comunidades de usuários constatou também a não existência de nenhum risco de adição e dependência no uso dessas substâncias em contexto ritual. Os pareceres de pesquisadores da área de psico-fármacos, afirmaram, corroborando resultados já anteriormente divulgados, que: "o Santo Daime não apresenta características do abuso de drogas, pelo seu uso ritualístico, descontínuo e ausência de alterações comportamentais" (DAIME, 2006, p. 2).

Lúcia – 25 anos - **O Daime até que me pegou sabe. Eu acho que se o “Daime” fosse do lado da minha casa eu ia, entende? Te juro, se fosse aqui, nesse lugar que a gente tá, que dá pra eu vir a pé, eu vinha, eu vinha toda semana. Com certeza. Acho que no momento eu não tô fazendo nada porque é distante. O Budismo pra mim é legal, mas eu não tive oportunidade de me aprofundar. Não foi a religião que me pegou também. Só que eu me considero uma pessoa que tem religiosidade.**

A integridade espiritual buscada pelos nossos entrevistados, foi citada e, também pode ser percebida como um fator de proteção muito valorizado por todos. Não só para o não uso de drogas, mas, no geral, para a formação dos entrevistados como seres integrais. Assim como a espiritualidade, a cultura também corroborou de maneira significativa para a formação de nossos entrevistados, quanto a valores, sejam estes pessoais ou coletivos, como veremos a seguir.

3.1.4 CULTURA: Onde eu nasci – a diferença que isso fez em mim

O conceito de Cultura, segundo Laraia⁴⁴ (2001), passa por uma transformação histórica, que nos traz ao entendimento que temos hoje e que usaremos para a contextualização explicativa desta categoria.

Segundo este autor, a primeira definição de cultura formulada do ponto de vista antropológico pertence a Edward Tylor, e aparece no primeiro parágrafo de seu livro *Primitive Culture* (1871). Tylor, diz Laraia (2001), definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética.

A Antropologia na contemporaneidade tem como problema central traduzir os diferentes códigos que circulam socialmente, observar as formas pelas quais as regras culturais são atualizadas na ação cotidiana pelos atores sociais. Dizer que a Antropologia tem como objeto o simbólico, explicita Laraia (2001), é dizer que ela tem preocupação com a diversidade de identidades sociais constituídas, e que podem estar presentes em uma mesma sociedade. É importante perceber também, as relações de alteridade com que nos defrontamos no próprio meio social em que vivemos, o que significa dizer que o "Outro" pode ser construído e percebido pelo estranhamento em nosso próprio contexto social.

Segundo o autor, não é de hoje que os homens preocupam-se com os diferentes modos de se comportar dos diferentes povos existentes. Em alguns momentos tais diferenças foram atribuídas às variações dos ambientes físicos, porém para Laraia (2001), tanto o determinismo geográfico quanto o determinismo biológico são incapazes de explicar as diferenças entre os homens. Segundo ele, o comportamento dos indivíduos deriva de um processo denominado endoculturação, no qual o agir diferente entre uns e outros está ligado a uma educação diferenciada.

Na obra de Laraia (2001), o autor discute como indivíduos de culturas diferentes vêem o mundo de maneiras diferente. Segundo ele, os diferentes

⁴⁴ Roque de Barros Laraia – Doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo – USP – Professor Emérito da Universidade de Brasília – UnB.

comportamentos sociais são produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. Todos os seres humanos têm uma estrutura física semelhante, capaz, geneticamente, de exercer as mesmas funções. Mas, a utilização do corpo, não é determinada pelos genes e sim pelo aprendizado, ou como se refere o autor, este comportamento consiste na cópia de padrões que fazem parte da herança cultural do grupo.

É importante também ressaltar, o caráter dinâmico da cultura. Cada sistema cultural move-se continuamente, e é preciso entender esta dinâmica para minimizar o conflito entre gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Na nossa pesquisa, por várias vezes, o preconceito apareceu em sentido vertical, de pai para filha, por exemplo, *você não vai estudar fora por que isso não é coisa de mulher decente*, ou horizontal, *os meus primos pararam no tempo, sabe? Também lá onde eles moram não tem nada!*

O atual Ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil, em palestra na Faculdade de Economia da Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP – em São Paulo (GIL, 2006), também dá a sua contribuição no sentido de entendermos de qual cultura estamos falando hoje.

Na gênese, como se sabe, havia o nada. Depois veio a natureza. E o homem. Com o homem, surgiu a cultura. E a partir das relações entre os homens, ou melhor, de seus encontros e trocas, a cultura tornou-se esta incessante aventura de invenção e reinvenção da qual somos ao mesmo tempo herdeiros e propagadores. E desde então tudo passou a ser cultura. Para ser mais preciso: no passado e no presente, tudo é cultura, exceto a natureza. E o nada. Mas mesmo a natureza e o nada tornaram-se um dia cultura, no exato momento em que o homem fez-se a medida de si e de todo o resto em volta. A medida, portanto, também da natureza e do nada, que são vistos por um olhar, mediados por uma história, apropriados por uma razão. E, por tanto, culturalizados (GIL, 2004, p.1).

Segue o ministro: “Assim, do nada, e da natureza, o homem produziu sua primeira e grande invenção: a cultura, ou seja, um modo próprio de sentir, pensar, ser, interagir, atribuir valor e comunicar”. Para Gil, a cultura é um conjunto de símbolos, criações e sonhos. E, concordando com Laraia (2001), até o fim dos tempos, em permanente processo de invenção e reinvenção.

Da mesma forma que para Gilberto Gil (2004), compactuamos com a idéia de que tudo é cultura. Que a Cultura vai além das expressões artísticas, embora as englobe. Este é o conceito de Cultura que com o qual o Ministério da Cultura tem trabalhado: cultura como produção simbólica, cultura como expressão artística, cultura como direito, ou seja, cultura como parte indispensável do que chamamos cidadania; e cultura como economia e desenvolvimento.

Os nossos jovens entrevistados, exceto por Lúcia que mora em Florianópolis, moram em Curitiba e, alguns deles vieram de alguma outra cidade. Algumas cidades como Foz do Iguaçu no Paraná ou São Paulo e, outras pequenas como União da Vitória no Paraná, ou Assis no interior de São Paulo. Junto com a migração, trouxeram lembranças de outros cantos, que fez, às vezes, a diferença cultural entre os entrevistados.

Nos relatos que exporemos a seguir percebe-se duas distinções quanto ao tema: uma geográfica, territorial, daqueles que nasceram no interior, que trazem a cultura da terra, que brincaram na rua, que cresceram ouvindo histórias de saci, boitatá, mula sem cabeça, que conheceram pouco cinema, pouco teatro, pouca exposição de arte. A outra, a diferença intelectual dos que nasceram e cresceram em cidades grandes, que leram muito, foram a muitos shows, a muitas atividades culturais, tiveram a oportunidade de estudar línguas e viajar para o estrangeiro.

Pereira (2004), fala que diferentemente das gerações passadas, que construíram suas experiências num espaço social mais restrito, as novas gerações estão cada vez mais inseridas num campo muito mais amplo de relações sociais e culturais que possibilitam um repensar sobre suas identidades e suas realizações pessoais. Como enfatiza Velho (1994, p.44):

Nas sociedades complexas modernas, a multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas.

No caso dos jovens nascidos e criados em cidades pequenas, novos desafios são colocados para estes, que apesar de nascidos nestas cidades, estão cada vez mais inseridos num mundo globalizado, em que suas experiências falam

ao mesmo tempo de uma identidade local mas que recebem influências de lugares diferentes e distantes da sua realidade. O campo de possibilidade de realização de suas projeções quanto ao futuro, por exemplo, foi ampliado como resultado da complexificação das relações entre interior e cidade grande, assim como seus comportamentos passam a se aproximar dos jovens que eles consideram urbanos.

A fluidez das fronteiras entre campo e cidade é observada na ampliação dos espaços de socialização dos jovens. A família, os parentes e amigos passaram a competir espaço nos interesses dos jovens. Eles já não são os únicos que influenciam no comportamento desses jovens. Ir para a cidade nos finais de semana para se divertir, trabalhar ou estudar na cidade, os coloca lado a lado com outras juventudes e novos valores sociais. Juntos, passeiam, “ficam”, namoram, freqüentam *shopping centers*, vão à praia, aos *shows*, ao cinema, entre outros (LARAIA, 2004, p. 25).

Nas ruas, são movidos pelos encontros e desencontros de namoros, a cantoria dos bares e os desfiles dos modismos verificados nas roupas, nos carros e no comportamento dos jovens. É o encontro de diferentes juventudes.

Mesmo com a intensificação das relações entre diferentes tempos e espaços, a cidade de origem daqueles entrevistados que vieram do interior, foi considerada por eles, atrasada, desprovida de condições para que permanecessem nelas. O cenário informa que a cidade lhes aponta uma saída para as baixas remunerações e a falta de trabalho no local pelas escolhas pessoais de carreira que estes fizeram. Porém, sabem que, se permanecessem nas pequenas cidades de origem, o não desenvolvimento do local traria os benefícios de se manterem longe da violência e da poluição da cidade, próximos à suas famílias e amigos. Mas, esta não foi a escolha dos nossos entrevistados. Alguns, inclusive, citaram que a maioria de seus amigos de infância, também havia deixado suas cidades de origem.

De um jeito ou de outro, os nossos entrevistados, tendo nascido no interior ou na cidade grande, citaram o reduto cultural, a forma de convivência, as vivências dos lugares onde foram criados, como fatores de proteção para o não uso de drogas. O primeiro pela criação pacata e segura das cidades pequenas,

lugares onde os entrevistados não conheceram as drogas, posto que, na época de suas infâncias ainda não havia a proliferação de drogas nas pequenas cidades. Onde o contato foi tardio (prevenção primária espontânea), e quando já adultos, foram ter os primeiros contatos com drogas e optar pelo *não* uso.

O segundo grupo, o dos nascidos em grandes cidades, tiveram na sua formação cultural, um acesso muito grande a todo tipo de informação, o que, apesar de, diferentemente do primeiro grupo, terem tido experiências de contato com drogas mais cedo, fez com que pudessem estar conscientes de suas escolhas.

Seis dos entrevistados nasceram e foram criados em cidades pequenas. A mudança destes para Curitiba (exceto Linda que mudou-se em razão do projeto profissional da mãe e Tatiana que antecipou sua saída de Foz do Iguaçu por entender a cidade limitada para suas ambições) deu-se ao término do segundo grau, por não terem opção universitária nas cidades de origem. Estes entrevistados falam com saudosismo dos tempos de infância, da liberdade de ir e vir que tinham quando crianças, da proximidade quase orgânica com amigos e parentes. Nenhum deles, diferentemente dos criados nas grandes cidades, teve contato com drogas ilícitas quando crianças.

Elisa – 25 anos - *Eu nunca tive contato* (referindo-se à infância, que passou no interior de Santa Catarina), *no colégio, com amigas, **eu nunca tive contato com drogas.***

Pedro – 23 anos – ***Não tem droga, nunca ninguém me ofereceu, nunca passou perto.***

Márcio – 27 anos -... ***Quando ia para o interior São Paulo, quando viajava para a cidade da minha mãe, eram realidades diferentes. Lá era mais sossegado, mais tranquilo, não sei, mais gostoso. Quando eu voltava, tinha uma vontade de querer ficar lá. Até chorava, vinha embora chorando.***

João, que costumava passar as férias na casa dos avós em Santa Catarina, revela diferenças culturais entre a pequena cidade do interior e Curitiba. É interessante observar que ele associa o comportamento mais fechado, introspectivo, dos habitantes de Curitiba com o fato de serem moradores de uma grande cidade onde as pessoas vivem sobre estresse no dia a dia.

João - *Uma coisa que eu notava quando era criança é que quando eu ia para lá não tinha nada de muro pixado. É uma cidade bonita, bem organizada. **Você vem pra cá em Curitiba é tudo pixado.** E isso eu já notava quando era pequeno e **enxergava aquilo como um valor que transparecia. É uma cidade suja, que não é legal. Fico estressado só de olhar...** Eu vejo a diferença que é... A única coisa que eu senti dificuldade no começo, é uma crítica tá, **desculpe, é que o pessoal de Curitiba é mais fechado, mas será que é verdade?! Ah eu não sei, no começo eu dava bom dia para a vizinha, ela nem olhava na cara não falava nada. Aí você, pôxa...***

Elisa – 25 anos - *Nasci e fui criada até 16 anos em uma pequena cidade no interior de São Paulo. O lugar que eu morava era um pouco mais afastado do centro, **você podia brincar na rua, tinha os colegas de bairro, chegava da escola tirava o uniforme e ia brincar com a molecada.***

Os pais dos que moravam no interior, nem sempre incentivavam as experiências culturais dos filhos como teatro, cinema, etc. Na fala dos entrevistados eles colocavam não se ressentir disto, procurando sempre explicitar que “a criação dos pais” havia sido diferente.

Hélio – 26 anos - *Olha, **teatro meu pai sempre falou que era coisa de veado, maconheiro, não sei o que.** Dava altas brigas aqui em casa porque eu gosto muito, **mas não precisa ser igual para gostar.** Eu sempre gostei muito de ver e tal, então sempre que tinha oportunidade eu dava um jeitinho de ir com a minha irmã.*

Ana – 24 anos - **Cinema e teatro eu adoro, teatro eu gosto muito. Mas é que eu nunca tive em casa quem me incentivasse. Eu lembro de ter ido assistir “Um dia a casa caí” com meu pai e minha mãe e minha irmã. Oooh!**

Tatiana – 25 anos - *Teatro? Da onde que algum dos dois (referindo-se aos pais) foi a teatro? No Paraguai? Foz do Iguaçu? **Tinha teatro, mas eles usavam como cinema. Tinha teatro, mas era mais para apresentações de escola, apresentações cívicas. O cinema era pra ver Trapalhões, Xuxa. ...Meu pai é doutor em química. Só que meu pai tem aquela cultura paraguaia, é cultura de índio. Escuta música ruim... É falar sobre futebol... Só falar em comida.***

Já para os entrevistados que sempre moraram em cidades grandes, a vivência cultural de idas ao cinema, ao teatro, fazer cursos extra-escolares de línguas, esportes e computação, entre outros, sempre fez parte do cotidiano deles. E também, sempre puderam contar com o apoio dos pais para realizarem estas atividades.

Seja qual tenha sido a formação cultural dos entrevistados, em cidade pequena, pisando no chão, brincando na rua, ouvindo histórias de boitatá, mula sem cabeça ou lobisomem, ou em cidade grande freqüentando academias, teatros, estudando línguas ou viajando, a formação cultural das infâncias relatadas pode ser percebida também como fator de proteção. Sejam as diferenças geográficas ou intelectuais, permitiram aos de cidade pequena a proteção ao *não* uso de drogas pelo *não* contato e aos de cidade grande, o acesso à informação e ao conhecimento para fazerem suas escolhas pelo uso ou *não* uso de drogas.

Os entrevistados mostraram firmeza em suas decisões. Elisa mostrou-se firme ante a negativa do pai de sair do interior para fazer universidade na capital. João mostrou-se firme em relação a alguns amigos que queriam que ele experimentasse maconha, aos quais ele disse não. E, Pedro, mostrou-se firme quando contrariou os pais, escolhendo uma religião diferente da deles para seguir. Frente ao uso de drogas não foi diferente. Os jovens pesquisados posicionaram-

se com muita segurança para dizer *não* ao uso, mostrando terem opiniões consolidadas sobre o assunto. Tema que trataremos no próximo item.

3.1.5 DROGAS: opinião consolidada

Como o foco das entrevistas era o *não* uso de drogas, conseqüentemente a maior produção de material esteve centrada em torno deste tema. Alguns entrevistados souberam identificar com clareza o marco da decisão pelo *não* uso, outros nem tanto. Mas, podemos perceber, nesta pequena amostra, através das falas selecionadas onde se encontram estes marcos decisivos.

Para Baptista Neto e Osório (2002), além da curiosidade natural do ser humano, os números mostram que a influência dos amigos tem muita importância entre os adolescentes.

Lúcia – 25 anos -...***Eu comecei a ter vontade de experimentar maconha lá pelos 15 anos. Eu já sabia que meu pai fumava e eu comecei a ter vontade de experimentar. E a galera da rua... já estavam todas as meninas experimentando... Aquela fase da adolescência... e eu louca pra experimentar. Daí eu fui experimentar com uma turma de amigos meus de infância, que já eram amigos meus há muito tempo.***

A espontânea tendência à formação de grupos entre adolescentes dá-se exatamente em função das identificações correntes entre seus integrantes (grupos de iguais), surgindo conseqüentemente um clima propício ao intercâmbio e ao confronto de experiências. As drogas lícitas ou ilícitas fazem parte desse intercâmbio e desse confronto: através delas se estabelece também a socialização e até a aceitação dentro de cada grupo (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p.188).

Para os autores, é fora do padrão um adolescente não experimentar algum tipo de droga, lícita ou ilícita. É grande o número de adolescentes que experimenta drogas.

30% dos adolescentes experimentam algum tipo de droga ilícita, 65% dos adolescentes experimentam bebidas alcoólicas (alguns levantamentos indicam 82%) e 25% experimentam tabaco, é raro encontrar uma pessoa que não tenha experimentado, em algum momento da vida, a sensação provocada por uma das diversas drogas disponíveis à população (op. cit, p. 201).

Dos nossos entrevistados, como já dito anteriormente, somente Lúcia experimentou drogas ilícitas (6.25%), mas 100% dos entrevistados experimentaram álcool, sendo que um deles faz uso sistemático da bebida.

Outra influência que vimos contemplada na pesquisa foi a de pais para filhos. Os entrevistados referiram, algumas vezes, *não* usarem drogas pelo *não* aprendizado do uso em casa. Nenhum dos entrevistados, exceto Lúcia, tinha pais usuários de drogas ilícitas, assim como nenhum dos entrevistados, apesar das oportunidades, exceto Lúcia, experimentou ou fez uso de drogas. No caso de Lúcia, o pai foi usuário de álcool, maconha e cocaína, e, esta, durante algum tempo, também fez uso de drogas.

Eu sabia que meu pai tava usando droga, que os negócios não estavam indo tão bem... Eu tava me sentindo muito insegura. O que aconteceu com o meu pai foi um exemplo de eu não querer isso pra mim.

A experimentação de drogas se dá por vários motivos. Em pesquisa realizada em 1998 por Baptista Neto e Osório, com amostra da população geral em Florianópolis, Santa Catarina, os adolescentes entrevistados, quando perguntados pelos principais motivos que fizeram com que experimentassem drogas foram, pela ordem: “por influência de amigos, para esquecer problemas, para sair da tristeza, para sentir prazer, para ter coragem, por outros motivos” (BAPTISTA NETO; OSÓRIO, 2002, p. 191). No nosso estudo, para Lúcia, que foi a única que teve experiência concreta de uso de drogas ilícitas, identificamos duas motivações iniciais: a influência de amigos e o uso de drogas pelo pai. A sua primeira experiência não trouxe resultados satisfatórios para ela.

*Na primeira vez que eu fumei foram **muito fortes as sensações**. Me deu **muito medo**. Eu ficava falando pra eles: “vai demorar muito pra passar isso?” Eu não tô gostando. Eu fiquei muito desesperada. Muito. **Não foi legal**.*

Apesar da primeira experiência ter sido negativa, por pressão do grupo social, ela continuou fazendo uso esporádico, em ocasiões sociais, de maconha e depois de cocaína e álcool. Com a maconha a experiência foi mais longe, quando no primeiro ano de universidade fora de casa, fez uso freqüente, diário. Algum tempo mais tarde, gerada por uma forte crise de bronquite asmática, Lúcia se viu frente a um médico que a fez refletir sobre a qualidade de vida que queria para si mesma e quão distante estava dela. A partir deste momento ela fez opção pelo não uso.

Lúcia – 25 anos -...***Eu nunca me senti uma pessoa usuária, nunca, porque eu nunca fui comprar, eu nunca fiquei procurando quem tivesse pra fumar. Estando com um grupinho de pessoas que tivesse (maconha) eu fumava. Pra mim era mais uma rebeldia, uma forma de romper barreiras, de experimentar coisas que as outras pessoas não tinham coragem. Era mais isso. Nunca foi porque eu precisasse para ser feliz. Acho que era uma coisa bem de grupo, de ser de um grupo mais diferente...** Só que assim, eu insisti, eu continuei experimentando, algumas vezes era legal, uma coisa do tipo, eu sou adulto. Cocaína: eu sou adulto! Cigarro, eu sou adulto! **Daí eu vi que não era muito legal pra mim, daí eu fui parando...***

Para os outros entrevistados que não experimentaram ou fizeram uso de drogas, determinar um marco foi mais difícil. Todos lembraram dos valores familiares, dentre eles os valores religiosos, apontados em primeiro lugar para a não experimentação. Em segundo ficou a auto-confiança adquirida pela educação, pelo meio cultural em que cresceram, pois permitiu que pudessem dizer não aos apelos dos seus grupos sociais.

João - 28 anos – *Eu já tive oportunidade (de experimentar maconha) duas vezes. Quer dizer, aquela curiosidade de adolescente... **Só que nas duas vezes eu cheguei atrasado, os caras já tinham fumado** (risos) *Eu fiquei frustrado. Falei: pô eu queria ter experimentado... os caras ficavam falando que era legal... Eu era um moleque de bosta, comecei a ler mais, estudar mais, você vai vendo... Opa! Isso daqui não é o meu caminho. É legal por quê?! ...Então, nas duas vezes que eu tive oportunidade os caras já tinham fumado (risos) e agradeço a Deus por não ter acontecido isso.**

Não só pela busca de uma boa qualidade de vida ou preservação da saúde, nossos entrevistados optaram pelo não uso. Dois medos apareceram em algumas (quatro) falas. Medo da ilegalidade, de ser preso e, medo de enlouquecer.

Linda – 18 anos - ...***Eu tenho uma tia-avó que já usou ácido.** Ela é meio doida, tadinha. Ah! Ela é legal, mas ela é toda meio alternativa, não trabalha não gosta de trabalhar. Meio que vive... Vive totalmente a custa de outras pessoas. Acha que tá tudo ótimo, que tá tudo bem... **A minha avó falou que ela acha que é por causa disso que ela é toda alternativa. Porque ela usou drogas. Mas ela usou bem pouquinho, mas meio que estragou com tudo depois. Tipo usou, causou um dano... pra sempre.***

Os entrevistados eram conhecedores de que quem tem um dependente químico na família, entre pais, tios e avós, tem mais chance de se tornar um dependente também. Dos três entrevistados que tinham avós alcoolistas, dois, Renata e João, disseram serem comidos com álcool pelo medo de desenvolverem dependência. Assim como Linda disse temer acontecer com ela o que aconteceu com sua tia.

Linda – 18 anos - ***Eu tenho muito medo.** Porque vai que acontece igual a essa minha tia, **desencadeia alguma coisa e nunca mais eu consigo voltar.** E*

também eu tenho medo... tipo essa coisa... vai que sei lá... me pegam (referindo-se à polícia).

Elisa, por ter sido criada no interior de São Paulo, veio a ter contato com drogas quando foi fazer universidade. Segundo seu relato, na sua maioria, seus amigos eram usuários de maconha. Alegou não experimentar porque maconha tem cheiro ruim, “fede”. Após ser questionada por sua colega (que também estava sendo entrevistada) se experimentaria a maconha caso fosse inodora, respondeu que não, que na verdade não gosta de pensar na possibilidade de perder o controle da situação.

Em geral, os entrevistados mostraram-se pouco preconceituosos com relação ao uso de drogas por outros jovens de sua convivência, desde que não fosse um uso abusivo. Vários alegaram que cada um sabe e faz o que quer de suas vidas. Porém, se alguém próximo der evidências de que a situação passou do limite do que consideram aceitável, os amigos devem intervir e orientar para a procura de ajuda. Os que se referiram a este tipo de situação, não cogitaram, em nenhum momento em afastarem-se dos mesmos.

Para uma das entrevistadas, Tatiana, o *não* uso deu-se por ter tido contato muito cedo com a devassidão que a droga causa. *Porque é muito trágico, muito triste*. Segundo ela, o consumo de drogas começa muito cedo na cidade em que nasceu e foi criada. ***Eu perdi uma amiga na quinta série por causa de droga.***

Tatiana – 25 anos - *A história foi a seguinte: **ela** (Júlia) **era filha de um traficante**, não era uma coisa conhecida. E ela era totalmente depressiva. O que aconteceu foi que **ela foi achada do lado de fora do prédio dela, com uma dose de cocaína altíssima e tequila. 5ª série!***

Tatiana ainda contou outra história:

*Outra história foi o Ibraim. Isso foi na 6ª ou 7ª série. **Ele pulou do prédio achando que era uma borboleta. Ele tava usando LSD. Então meu primeiro***

*contato... que eu escutei a palavra “drogas”, foi com a Júlia, quando ela se matou. Então você fica: Meu Deus do céu! **Aí, meus dois exemplos eram a Júlia que se jogou e o Ibraim que pulou do prédio imitando uma borboleta!***

Na verdade a tragédia é maior ainda. A menina que se jogou na verdade foi jogada. Estavam em duas amigas. **Ela teve uma overdose e a amiga dela que estava junto achou de jogar ela pro pai não descobrir que ela tinha usado.** *Uma pessoa que tá com cocaína e tequila na cabeça não raciocina*

Outra história que Tatiana contou foi que, aos doze anos, ela perdeu sua melhor amiga num acidente de carro, porque um motorista tinha usado cocaína. **Ela morreu decapitada num acidente de carro em Foz e eu fiquei sabendo que tinha sido por esse motivo...**

Apesar dos medos acima relatados, o *não* uso de drogas pelos entrevistados, todos os marcos apontados ou descobertos, não fugiram da premissa de que *não* fizeram uso de drogas ilícitas por terem estabelecido confiança em si mesmos, nos seus processos pessoais, para escolherem aquilo que fosse melhor e que proporcionasse melhor qualidade de vida. No caso das drogas lícitas as opiniões ficaram divididas, como veremos a seguir.

3. 1. 6 DROGAS LÍCITAS X DROGAS ILÍCITAS

Por último analisamos como os entrevistados percebem o cigarro (tabaco) e o álcool. Apesar dos entrevistados referirem-se a estas substâncias como drogas, a maioria não os entende como tal.

Estudiosos como Carlini (2001), Baptista Neto e Osório (2002), Marques e Ferreira (2004), dizem que, o álcool e o tabaco são as drogas mais consumidas no Brasil. Segundo Carlini (2001) a dependência de álcool atinge 11,2% dos brasileiros que vivem nas 107 maiores cidades do país. O álcool é também responsável, afirmam Marques e Ferreira (2004), por cerca de 60% dos acidentes

de trânsito e aparece em 70% dos laudos cadavéricos de mortes violentas. Segundo a OMS (LARANJEIRA, 2001, p. 1) o consumo de álcool representa 9,7% de perda em relação aos anos de vida ajustado por doenças, em comparação àqueles que não usam álcool. O estudo da OMS mostra que o peso do custo social do álcool é especialmente importante nos países em desenvolvimento como o Brasil. Cerca de 15% dos homens brasileiros bebem de forma abusiva. Sua demanda, ao invés de ser combatida, é exacerbada pelo baixo custo de algumas bebidas alcoólicas e pela propaganda, que nos convida a acreditar que só somos felizes com um copo de cerveja na mão.

Outro problema é a banalização em torno do beber. O consumo de álcool, como afirma Noto (2004) está inserido na nossa cultura há muitos anos.

Esse comportamento conta, de fato, com ampla aceitação social e, inclusive, é valorizado em vários aspectos sócio-culturais. Para grande parte dos jovens brasileiros, o início do consumo de bebidas alcoólicas pode ocorrer ainda na infância, em ambiente familiar, como um comportamento natural (NOTO, 2004, p. 46-47).

Afirma a autora, que o principal contexto do uso do uso de álcool por adolescentes se dá em bares ou danceterias, na convivência com amigos ou colegas, porém a experimentação, ocorre, normalmente dentro de casa. O mesmo acontece com o tabaco. Na pesquisa de Sanches (2004) os dados revelaram que 90% dos entrevistados iniciou o uso de drogas lícitas anteriormente às ilícitas e que, entre estas, o cigarro foi a primeira droga consumida (60%) seguida do álcool pelos 40% restantes. “Esse início do consumo de drogas lícitas ocorreu para cerca de 70% da amostra na faixa etária entre 9 e 12 anos, sendo que 11% iniciou este consumo aos 7 anos de idade, dentro de casa (SANCHES, 2004, p.122).

Noto (2004) diz que a população, em razão da grande diferenciação social que é feita entre as drogas, principalmente pela legalidade do uso do álcool e do tabaco, acaba por não perceber o álcool e o tabaco como drogas psicotrópicas.

O consumo de bebidas alcoólicas está inserido na nossa cultura há muitos anos. Esse comportamento conta, de fato, com ampla

aceitação social e, inclusive, é valorizado em vários aspectos socioculturais. Para grande parte dos jovens brasileiros, o início do consumo de bebidas alcoólicas pode ocorrer ainda na infância, em ambiente familiar, como um comportamento natural (NOTO, 2004, p. 46).

No presente estudo, houve uma diferenciação grande entre o consumo de tabaco e álcool. O álcool, apesar de ter sido citado como nocivo se consumido em excesso, não foi considerado droga por nenhum dos entrevistados. Mesmo aqueles que tiveram experiências negativas com parentes alcoolistas não entendem o álcool como uma droga.

Paulo – 21 anos – ***Olha, eu não considero álcool uma droga desde que seja bebido moderadamente porque a referência que eu tenho é de tomar socialmente em época de comemoração. Eu nunca tive convivência com quem sai caindo de boteco, embora meus avós tenham sido alcoólatras.***

Ana - 24 anos – *Eu lembro que o pai da minha mãe parou quando eu era pequena, ele parou porque eu ficava: **Pare de beber! Pare de beber! Fazia campanha.** E ele parou porque... depois ele foi uma pessoa mais sã. Meu outro vô vira e mexe fazia um showzinho... Mas eu nunca vi porque quando ele estava bem ruim era o meu pai que ia lá...*

O cigarro, ao contrário do álcool, foi considerado pela maioria (80%) como droga. Dos 20% restantes, tolerável. Apenas dois entrevistados fumaram na vida: Lúcia que fumou por um tempo e parou e, Tatiana, que fuma durante períodos na vida. O cigarro aparecia como droga, não tanto pelos prejuízos que causam à saúde, mas, mais pelo desprazer do cheiro, dos aspectos sociais, dos aspectos culturais da sociedade contemporânea que apontam que fumar não é *In!* Não está na moda!

Alguns dos pais dos entrevistados fumavam, o que para a maioria colaborou com a repulsa ao fumo.

Lúcia – 25 anos – *Eu não sei se foi um determinante, mas a primeira vez que eu entrei em contato com drogas, ilegais... **Porque cigarro minha mãe sempre fumou. E, álcool, meu pai sempre bebeu.** Bebeu em quantidades moderadas durante a minha infância, adolescência, uma parte da minha adolescência... **Só que teve umas épocas que eu comecei a ficar curiosa.** Lá pelos meus 15 anos. Eu roubava cigarro da minha mãe e ia pro banheiro fumar escondido.*

Maurício – 22 anos – ***Eu nunca fumei, nunca coloquei um cigarro na boca.***

Jeruza - 26 anos – ***Pra mim cigarro é uma droga. Com certeza!** Para mim o cigarro é uma droga enorme porque é fácil de começar, e é **uma ponte extremamente facilitadora para outras coisas, você vai acabar cheirando fumando, sei lá o que.***

Maurício 22 anos – ***Eu não suporto cheiro de cigarro.***

Elisa – 25 anos – ***Se você considerar o cigarro como uma droga o primeiro contato que eu tive foi com o cigarro, quando eu era pequena, com a minha tia. Não quer experimentar? Eu falei: eu quero. Eu tinha uns seis anos, acho que uns seis anos. Eu puxei com tudo, odiei, nunca mais peguei...***

Tatiana – 25 anos – ***O cigarro... eu tenho foto de criança acendendo o isqueiro do meu pai. Eu não critico cigarro.***

Diferentemente da pesquisa de Sanches (2004) em que 40% dos entrevistados já havia feito uso de tabaco, na presente pesquisa a maioria dos jovens não experimentaram nem pretendem experimentar o cigarro. Tendo em vista que, como aponta Laranjeira (2000), a nicotina é uma droga poderosa que cria uma necessidade de querer fumar sempre mais e, que 60% dos adolescentes

que fumam mais do que dois meses acabarão fumando por mais de 30 anos. Os fatores de proteção para o *não* uso de drogas aqui apontados, pelo menos para a pequena amostra de nossa pesquisa, podem levar a crer que eles não abusarão de drogas ao longo da vida.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

O uso de drogas feito por aqueles que pertencem à classe mais alta na nossa sociedade é muitas vezes mascarado, sendo que, em geral, o estigma do uso, e as experiências de criminalidade são associados àqueles que têm uma renda mais baixa. Sabemos que o uso de drogas está inserido em todas as classes sociais atingindo igualmente ricos e pobres. Procuramos nesta pesquisa, apesar da pequena amostra que impossibilita fazer generalizações, nos ater aos fatores de proteção que podem contribuir para que jovens de classe media/média alta *não* usem drogas. A nossa aproximação das trajetórias desses jovens nos permitiu visualizar de maneira mais clara, quais foram esses fatores que os fizeram optar pelo *não* uso de drogas.

Desde a determinação de pesquisarmos o *não* uso de drogas, ao invés do uso, até a finalização do processo de entrevistas, fomos nos dando conta da dificuldade de aferir algo que se apresentava no “*não* dito” das falas dos entrevistados. Estudar o uso nos parece um caminho mais fácil, pois permite uma concretude com respeito aos marcos nas trajetórias. Não é difícil identificar, por exemplo, quando alguém teve sua primeira experiência com drogas e qual a causa provável para isso. Na presente pesquisa, ao contrário, tivemos que trabalhar com dados subjetivos, e ocultos nas falas de nossos entrevistados. Os trechos das entrevistas citados nesta pesquisa são fragmentos selecionados que acreditamos conter o que de mais relevante pudemos encontrar para ilustrar de onde trouxemos os dados para análise que vieram dar significado a conteúdo tão subjetivo. Por outro lado, entrevistar jovens que mostraram se relacionar com a vida de maneira tão salutar, que relataram infâncias tão repletas de bons momentos, que contaram como cresceram em ambientes onde puderam compartilhar sentimentos amorosos, foi para nós uma experiência enriquecedora.

O foco de nossa atenção em jovens não usuários possibilitou-nos entender melhor a realidade destes e perceber *como* estes entrevistados se constituíram enquanto pessoas que são hoje.

Nas 18 entrevistas realizadas pudemos ver infâncias em que os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente foram respeitados. Crianças que brincaram, que freqüentaram boas escolas, que ouviram histórias para dormir, que leram. Crianças que foram ouvidas, adolescentes que puderam escolher, que tiveram diálogo em vez de castigo, amor em vez de medo, compreensão em vez de solidão. Crianças e adolescentes que tiveram a família, direta ou indiretamente, citada como o principal fator para o *não* uso de drogas.

Os núcleos familiares de nossos entrevistados eram permeados de diálogo, carinho e respeito entre os membros, apesar das dificuldades naturais presentes em qualquer núcleo de relações familiares e sociais. As famílias se apresentaram organizadas e unidas em rotina própria, e pais e irmãos conviviam, ao menos no período que corresponde à infância dos entrevistados, realizando atividades sociais conjuntas. Os entrevistados atribuem à família a conquista de autoconfiança, que permitiu o estabelecimento de limites com o mundo a sua volta. O impacto que a socialização primária teve sobre o desenvolvimento dos entrevistados foi por nós reconhecido como de grande importância em seus processos de formação.

A formação de nossos entrevistados não se deu somente no âmbito familiar. O reduto escolar, repleto de trocas culturais, especialmente o universitário, permitiu que fossem adquirindo no decorrer dos anos, uma bagagem cultural e intelectual bastante rica, que os preparou, ou está preparando, para a inserção no mercado de trabalho. A educação propiciou também, que se constituíssem como sujeitos autônomos e críticos, para posicionarem-se frente a momentos de escolha. Este fortalecimento da autonomia, em muitos momentos, foi o que permitiu que dissessem *não* às drogas, já que, como pudemos observar, a maioria dos jovens entrevistados teve contato direto com diversas drogas no decorrer de suas vidas o que descarta a possibilidade de que um dos fatores de

proteção seria o *não* contato. A opção pelo *não* uso passou, portanto, por uma escolha pessoal.

Também as amizades foram ressaltadas como fatores de proteção para o *não* uso. Os entrevistados revelaram várias vezes, o quanto ter amigos e ser amigo foi e é importante para eles. As brincadeiras na rua, pular corda, amarelinha, as brincadeiras na escola, o compartilhar dos “dramas” na adolescência foram momentos por eles lembrados várias vezes durante as entrevistas. O influenciar e influenciar-se foi citado várias vezes como proteção entre pares. Podiam contar uns com os outros, formando assim uma rede de proteção entre os membros do grupo de amigos.

Entendemos também, apesar de não ter sido claramente explicitado pelos entrevistados, que a boa condição financeira contribuiu para que os jovens tivessem a liberdade para desenvolverem-se livres de compromissos com a sua sobrevivência, o que certamente reduziu a possibilidade de estresse e conseqüente abuso de drogas, como ocorreu com os jovens de classe baixa pesquisados por Sanches (2004).

Pisar na terra com os pés descalços, ouvir histórias folclóricas, freqüentar sítios ou academias, falar caipira ou francês, o lugar onde nasceram e cresceram, em pequenas cidades do interior, ou grandes cidades como Curitiba e São Paulo, foi determinante para um crescimento seguro quanto a valores e autonomia para tomarem decisões. Os do interior foram protegidos pelo retardamento do contato com drogas, o que possibilitou que pudessem escolher com mais segurança pelo *não* uso, mais tarde. Os que nasceram e cresceram em cidades grandes tiveram contato com drogas mais cedo, mas tinham a seu favor muita informação a respeito do assunto.

Valores culturais foram também revelados quando o assunto era a religiosidade de cada um. Alguns seguiram a religião professada por seus pais, outros buscaram diferentes caminhos. Qualquer que tenha sido a opção, todos foram unânimes em destacar a espiritualidade como um quesito importante para o autoconhecimento, a resolução de conflitos e a busca por uma maneira saudável de se relacionar com o mundo a sua volta. A relação com o *não* uso de drogas, foi

privilegiada nesta categoria de análise, pois muitos entrevistados disseram apoiar-se em valores espirituais para o enfrentamento de dificuldades, não precisando buscar uma válvula de escape, como a droga, para isso.

Não podemos deixar de mencionar a preocupação que devem ter os formadores de políticas públicas, quanto ao fato de que, na sua maioria, os jovens entrevistados não consideraram álcool como drogas. O tabaco, apesar de tolerado pela maioria, é considerado droga e o fato de a maioria dos entrevistados não fumarem, propiciou a reflexão de que, provavelmente, as políticas tabagistas têm tido uma maior efetividade que as do álcool.

Proteger ao uso de drogas é, portanto, formular políticas públicas que auxiliem a implementação de forma definitiva e plena do Estatuto da Criança e do Adolescente, fazendo prevalecer os direitos nele previstos e, dar às nossas crianças tudo aquilo que elas merecem: vida, saúde, convivência familiar e comunitária, segurança, lazer, educação e amor, como bem ilustra a música *Comida dos Titãs*:

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer *comida, diversão e arte*.
A gente não quer só comida,
A gente quer *saída para qualquer parte*,
A gente não quer só comida,
A gente quer *bebida, diversão, balé*.
A gente não quer só comida,
A gente quer *a vida como a vida quer*.
Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer *comer e quer fazer amor*.
A gente não quer só comer,
A gente quer *prazer pra aliviar a dor*.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer *dinheiro e felicidade*.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AL-ANON. *Vivendo com um alcóolico com a ajuda de Al-Anon*. São Paulo: Family Group Headquarters Inc, 1980.

ALBERTANI, H. M. B.; SCIVOLETTO, S.; ZEMEL, M. L. S. Prevenção do uso indevido de drogas: fatores de risco e fatores de proteção. In: *Atualização de conhecimentos sobre redução da demanda de drogas – curso à distância*. BUCHELLE (Org.): SENAD, p.63-86, 2004.

ACSELRAD, G; INEM, C. L. (Orgs.) *Drogas: uma visão contemporânea: I jornada sobre toxicomania/do NEPAD*, Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BAPTISTA NETO, F. & OSÓRIO, L. C. *Aprendendo a conviver com adolescentes*. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002.

BECKER, D. *O que é adolescência*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BERTOLETE, J. M. *Glossário de termos de Psiquiatria e Saúde Mental da CID-10 e seus derivados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BESSA, M. A. Quando o uso de drogas ocorre junto com outros transtornos psiquiátricos. In: PINSKY, I. & BESSA, M. A. (Orgs.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 124-150.

BUCELLE, F.; TELLES, P. R. Redução de Danos. In: *Atualização de conhecimentos sobre redução da demanda de drogas – curso à distância*. BUCHELLE (Org.): SENAD, p.147-157, 2004.

CAMPOS, E. A. Pessoa, modernidade e grupos de mútua ajuda. 2001. In: *IV REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL*. 2001. Curitiba. Anais... Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2001.

CARAZZAI L. R. Dependências químicas – diagnóstico – tratamento e prevenção. In: *CURSO DE FORMAÇÃO*. 2002. Clínica Psicoterapêutica de Estudos e Atendimento. Curitiba, 2002.

CARLINI, E. A. et al. *IV Levantamento sobre o uso de Drogas entre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua de Seis Capitais Brasileiras – 1997 -*, UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 1998.

_____. *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001*. São Paulo: UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2002.

CHARBONEAU, P. E. Juventude, droga e família. In: SANCHEZ, A. T. et al. *Drogas e drogados: o indivíduo, a família, a sociedade*. São Paulo: EPU, p.95-142,1982.

CoDA – *Codependentes Anônimos* – Traduzido de: CoDA, Co-Dependents Anonymous Inc. Geórgia USA. Mimeo. São Paulo, 2001.

ECA – *Estatuto da Criança e do Adolescente* (LEI nº 8.069/1990). Brasília: Ministério da Justiça, 2002.

GREENWOOD, E. *Metodología de la investigación social*. Buenos Aires: Paidós, 1973.

GROISSMAN, A. & RIFIOTIS, T. *Relatório para discussão da metodologia do Projeto “Trajetórias e itinerários no contexto de usuários de drogas em Santa Catarina” - versão preliminar*. Florianópolis: UFSC, 2004.

GUEDES, A. A política de saúde pública no Brasil. In: *Revista Ciência Hoje*, vol.31, nº 181. Rio de Janeiro: abril de 2002, p.45-47.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

IVANISSEVICH, A. Reflexões sobre uma indústria altamente rentável. In: *Revista Ciência Hoje*, vol.31, nº 181. Rio de Janeiro: abril de 2002, p.30-31.

JALOVI, M. *Tóxicos*. São Paulo: Bauru, 1977.

JOHNSON, V. E. *Guia prático para o tratamento do alcoolismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.

KALINA, E. *Drogas: terapia familiar e outros temas*. Tradução: Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

KAWALL, B. G. *O parricídio nos processos penais nas Comarcas da Grande Florianópolis entre 1900 e 2001*. Relatório de Pesquisa. Florianópolis, UFSC, 2003.

LARAIA R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LARANJEIRA, R. R. *O controle social e político do álcool*. Artigo. São Paulo: UNIFESP, 2001.

_____. *Parar de fumar* – Guia de auto ajuda. São Paulo: UNIFESP, 2000.

LARANJO, T. H. M. Sociedade, história e drogas: a complexa trama de interesses. In: *Drogas: prevenção e tratamento: o que você queria saber e não tinha a quem perguntar* (MALUF et al.) São Paulo: CL–A Cultural, 2002.

LDB – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* – Lei n.º 9394/1996. Passo Fundo: Editora Universitária, 1998.

LEMOS & ZALESKI. As principais drogas: como elas agem e quais os seus efeitos. In: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Orgs.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 16-30.

LIMA, E. B. de. Porque os adolescentes aderem às drogas? In: *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*, Ano 13, n. I e II. Passo Fundo: 1997, p.1-116.

MacRAE, E. “A abordagem etnográfica do uso de drogas”. In: MESQUITA, F & Francisco Inácio BASTOS. *Drogas e Aids: Estratégias de Redução de Danos*. São Paulo: Hucitec, 1994, p.29-48.

MALUF, D. P. (Org.). *Drogas: prevenção e tratamento: o que você queria saber e não tinha a quem perguntar* (MALUF et al.) São Paulo: CL– A Cultural, 2002.

MALUF, D. P.; MEYER, M. O que preciso saber para fazer prevenção? In: *Drogas: prevenção e tratamento: o que você queria saber e não tinha a quem perguntar* (MALUF et al.) São Paulo: CL– A Cultural, 2002.

MANZANO FILHO. *Drogas: como sair desta*. GALILEU. Rio de Janeiro, p.46-54, jul. de 1999.

MARLATT, G. A.& GORDON. J.R. *Prevenção de recaída: estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictivos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

MARQUES, A. C. R.; FERREIRA, M. o álcool e o tabaco. In: *Atualização de conhecimentos sobre redução da demanda de drogas – curso à distância*. BUCHELLE (Org.): SENAD, p.37-52, 2004.

MARQUES, A. C. & ZALESKI, M. Responsabilidade social e prevenção ao uso de drogas: o papel da educação e da empresa. In: *Caderno de programação do XVI Congresso da ABEAD*. Florianópolis: UFSC, 2004.

MARRE, J. L. História de vida e método biográfico. In: *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, UFRGS, v.3, n.3 jan/jul, 1991.

MARTINS, V. (Org.) *A Instituição Sinistra: Mortes violentas em hospitais psiquiátricos no Brasil*. CFP: Brasília, 2001.

MESQUITA, A. M. Considerações sobre a prevenção ao uso indevido de álcool e outras drogas no Brasil. In: *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MINAYO, M. C. de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MIOTO, R.. C. *Família e Serviço Social – contribuições para o debate*. Revista Serviço Social e Sociedade n°55. São Paulo: Editora Cortez, 1997.

NAKKEN, C. *A Personalidade Adictiva*. Sintra, Portugal: Associação para tratamento de toxicodependências. (ATT), 1996.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. *Narcotics Anonymous*. Narcotics Anonymous World Service, Inc. Chatsworth, Califórnia USA, 1993.

NERY FILHO A.; MARQUES, A. C. P. R. A droga na sociedade. In: *Atualização de conhecimentos sobre redução da demanda de drogas – curso à distância*. BUCHELLE (Org.): SENAD, p.37-52, 2004.

NOBRE, M. R. C.; DOMINGUES, R. Z. L. Drogas. In: *Cognus – Educação em saúde*. São Paulo: UNIMED, junho, 1997.

NOTO, A. R. Os índices de consumo de psicotrópicos entre adolescentes no Brasil. In: PINSKY, I. & BESSA, M. A. (Orgs.) *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2004, p.45-53.

OLIVEIRA, R. de M. (Org.). *Porque você não usa drogas?* Brasília: Gráfica Valci, 1999.

OSHO. *Osho de A a Z: um dicionário espiritual do aqui e agora*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

PEREIRA, L. C. G. *Ecoturismo e agricultura na vida dos jovens de Nova Friburgo/RJ*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2004.

PESSOA, F. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S. A , 1977.

PINSKY, I. & BESSA, M. A. (Orgs.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2004.

RIBEIRO, M.de M. & SEIBEL, S. D. (Orgs.) (1997) *Drogas: Hegemonia do Cinismo*. São Paulo: Memorial.

SANCHES, Z. M. *Razões que levam determinados jovens, mesmo expostos a fatores de risco a não usarem drogas psicotrópicas*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP. Escola Paulista de Medicina, 2004.

SCIVOLLETO, S.; DUARTE, C. E. O indivíduo e a droga: uso, abuso e dependência. In: *Atualização de conhecimentos sobre redução da demanda de drogas – curso à distância*. BUCHELLE (Org.): SENAD, p.53-62, 2004.

SELLTIZ; WRIGTHSMAN; COOK. *Métodos de Pesquisa nas relações sociais*. V. 2 KIDDER, L. H. (Org.) São Paulo: EPU, 1987.

SENA, R. Redução de Danos: considerações preliminares a partir de uma experiência. In: SENA e SILVA, M. F. (Org.) *Psicologia e redução de danos: reflexões preliminares a partir de uma perspectiva biopsicossocial*. São Paulo: Ed. do Autor, 2004, p. 83-90.

SILVA, J. M. *Tóxicos: o que os pais devem saber*. São Paulo: Paulinas, 1987.

SILVA JÚNIOR, J. *Leis Penais especiais e sua interpretação jurisprudencial*. Vol. 2. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001.

SILVEIRA FILHO, X. D.; GORGULHO, M. (Orgs.) *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SILVEIRA FILHO, X. D. Dependências: de que estamos falando, afinal? In: *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias: uma experiência do PROAD*. SILVEIRA FILHO, X. D.; GORGULHO, M. (Orgs.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, p.1-14.

SOARES, B; RODHDEN, F. *As melhores intenções*. Rio de Janeiro: Iser, 1994.

SLOBODA, Z. Programas de Prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA. In: PINSKY, I. & BESSA, M. A. (Orgs.). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto, 2004.

TAYLOR S. J.; BODGAN R. *Introduction to Qualitative Research Methods*. John Wiley & Sons, Inc., 1998.

VIEIRA, J. L.; VELLOSO, B. Movidos a álcool. In: *Revista Época*, nº 241/30 Rio de Janeiro: Editora Globo, 30 de dezembro de 2002, p.51-54.

VELHO, G. Dimensão cultural e política do mundo das drogas. In: *Drogas: uma visão contemporânea*. INEM, C. L.; ACSELRAD, G. (Orgs.). Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 274-279.

_____. *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. *Individualismo e Cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

VERGARA, R. Drogas: o que fazer a respeito. In: *Revista Super Interessante*, ed.172. São Paulo: Abril, janeiro 2002, p. 40-50.

ZALUAR, A. Um Panorama no Brasil e no mundo. In: *Revista Ciência Hoje*, vol.31, nº 181. Rio de Janeiro: abril de 2002, p.33.

ZINBERG, N. *Drug, Set and Setting*. New Haven: Yale Un.Press, 1984.

OUTRAS REFERÊNCIAS

BOTVIN, G. O treinamento para a vida evita o uso de drogas. In: *Revistas eletrônicas dos Usis - Questões Globais*, Julho 1999. Disponível em: <http://www.usia.gov/journals/journals.htm>. Acesso em agosto de 2003.

DAIME. *Histórico da Legalização – Institucional*. Rio Branco: Céu do Mapiá. Disponível em: <http://www.santodaime.org/institucional/historico.htm>. Acesso em 16 de fevereiro de 2006.

FARIAS, L. *Saúde Mental: conceito, organização e prática política*. Disponível em: <http://www.anarcopunk.org/artigos/antimani/art/modelo1.asp?cod=26>. Acesso em 9 de fevereiro de 2003.

GIL, G. *Cultura brasileira*. Palestra proferida para convidados na Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP– São Paulo: 26 de outubro de 2004. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias/discursos>. Acesso em 18 de fevereiro de 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

Comitê de ética - aprovação

ANEXO 2

INSTRUMENTO DE PESQUISA

ENTREVISTA

Observação: os temas não seguem necessariamente uma ordem cronológica, podendo inclusive se interlaçarem uns aos outros.

Identificação:

Nome

Local e data de Nascimento

Residência Atual/ sempre morou no local?/ outras cidades/ quais/ quanto tempo?

Vida familiar:

Com quem morava?/ Com quem mora hoje?

Ocupação dos familiares/ Anterior/ Atual

Como foi a infância? Vizinhança/ Amigos? Relacionamento com os familiares

Cotidiano (atividades extra-escolares)/ atividades de finais de semana

Escolaridade:

Estuda/ Já estudou/ O quê?

Como foi a escolaridade/ Infância/ Adolescência?

Estudou sempre na mesma escola? Não: por que?

Metodologia da escola

Relação com professores/ disciplina/ limites

Relação com os colegas

Características Culturais:

Valores; princípios; trocas culturais. Quais?

Características do local de nascimento, infância
Vida afetiva, namoro, relacionamentos, ficadas...

Espiritualidade

Experiências de espiritualidade. Quais? Tempo? Como avalia? (+ / -) Qual importância delas para você (+/-)?

Drogas:

Já fez uso de substâncias, plantas ou técnicas que modificam seu estado de percepção? Drogas? Por que?

Quais? Quanto tempo? Com quem/relação?

Teve problemas com estes usos? Com quais? (Famíliares/Saúde/Legais/Outros).

Se já fez uso, por que parou? Hipóteses

O que pensa de pessoas que usam drogas?

Como considera álcool e tabaco? Já fez uso, ainda usa?

E familiares/alguém fez uso na família?

Investigar também:

Auto-estima/ visão de si mesmo na infância/ adolescência/ agora

Momentos dolorosos na vida/ os teve? Como enfrentou?

Momentos felizes na vida

Observações do Entrevistado: alguma observação?/ Gostaria de falar mais alguma coisa?

ANEXO 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL
MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa intitulada: **Verso e reverso: a trajetória de jovens que optaram por não usar drogas** busca avaliar as razões que levam determinados jovens a não usarem drogas, visando contribuir com informação para a construção de políticas públicas nas áreas de saúde, educação e prevenção ao uso de drogas. O não uso de drogas ainda é uma temática pouco pesquisada no Brasil e sua contribuição enquanto entrevistado será muito valiosa para o entendimento do porque da recusa de determinados jovens de não usarem drogas.

A sua participação na pesquisa consiste em conceder uma entrevista – que será gravada e transcrita - com duração aproximada de duas horas, na qual serão feitas perguntas sobre sua trajetória de aproximação/rejeição às drogas. Você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta, como também poderá desistir da pesquisa a qualquer momento. Em contrapartida espera-se que as questões respondidas relatem exatamente a veracidade dos fatos.

Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser mais fazer parte do mesmo, favor comunicar a pesquisadora pelo telefone (41) 96385537.

Se você estiver de acordo em participar garantimos que todo o material gerado nas entrevistas permanecerá em local seguro, sob a responsabilidade da pesquisadora e que seu anonimato será mantido de tal forma que em nenhum momento a sua identidade será revelada.

Pesquisadora principal: **Beatriz Gonçalves Kawall**

Pesquisadora responsável: **Prof^a Dr^a Catarina Maria Schmickler**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Termo de consentimento livre e esclarecido

VERSO E REVERSO: A TRAJETÓRIA DE JOVENS QUE OPTARAM POR
DIZER **NÃO** ÀS DROGAS

Eu, _____ R.G. _____

declaro ter sido suficientemente esclarecido (a) a respeito das informações sobre a pesquisa de Beatriz Gonçalves Kawall intitulada “Verso e reverso: a trajetória de jovens que optaram por dizer **não** às drogas”.

Eu discuti com Beatriz Gonçalves Kawall sobre a minha decisão em participar deste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo para mim.

Assinatura do voluntário

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento livre e esclarecido deste (a) jovem para a participação neste estudo.

Beatriz Gonçalves Kawall

Curitiba, ____/____/2005.

ANEXO 4

Glossário de práticas espirituais

Catolicismo: Origem cristã. Segue os preceitos filosóficos da Bíblia. Prega a fé em um Deus onipotente com o qual os fiéis comunicam-se através de orações. (Fonte: SCOPEL, P. J. Orações e Santos Populares. Canoas: Salles Editora, 2002).

Budismo: de origem indiana, tem nos ensinamentos de Siddarta, mais tarde conhecido como Budha, o iluminado, o desenvolvimento de sua doutrina. Prega a Lei da Impermanência, onde tudo no mundo fenomênico está sujeito a mudanças e a Lei da casualidade, nada acontece por acaso. (Fonte: *Destino Índia*. Cedibra Turismo. APA PRODUCTIONS (HK) LTD, 1985).

Daime: Religião nascida no Acre, BR, que utiliza a ayhuasca, bebida alucinógena feita da combinação de uma folha (chacrona) e um cipó (jagube), como expensor da consciência. Através de ritual com cantos e danças, sob efeito do Daime, os participantes têm mirações (visões) que proporcionam o autoconhecimento e ao mesmo tempo criam uma corrente de luz que emanam entre todos e para todos. (Fonte: Veiga, A. P. O Livro das mirações. Rocco, 1997).

Espiritismo: conjunto de Princípios e Leis, revelados por espíritos superiores, contidos nas obras de Alan Kardec. Prega o aprimoramento espiritual através de reencarnações, tantas quanto forem necessárias. (Fonte: [http://: www.federação espírita do Brasil](http://www.federaçãoespírita.org.br) – página inicial).

Reiki: prática de terapia alternativa que através da captação da energia do universo para as mãos do terapeuta promove a cura com imposição de mãos. (Fonte: folheto explicativo – Nova era – livraria esotérica – Belo Horizonte, 2004).

Mahikari: A palavra Mahikari significa “Luz Divina” ou “Luz Verdadeira”. É um grupo de índole religioso-apocalíptico, fundado no Japão em 1959. Se auto intitula um movimento de renovação espiritual fundamentado em revelações divinas inéditas que o deus SU dera ao fundador entre 1959 a 1967. (Fonte: Dicionário das religiões – Editora Vida, 2004).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)